

SUCESSÃO NA CUT



Pag. 5

**FELLINI
AGONIZA**

Pag. 15

**80
VINICIUS
Anos**

Pag. 16

**CONGRESSO
DA UBES**



Pag. 6

BRASIL AGORA É UM JORNAL
QUE TRATA A NOTICIA PELO
PONTO DE VISTA DOS
TRABALHADORES

**B R A S I L
AGORA**

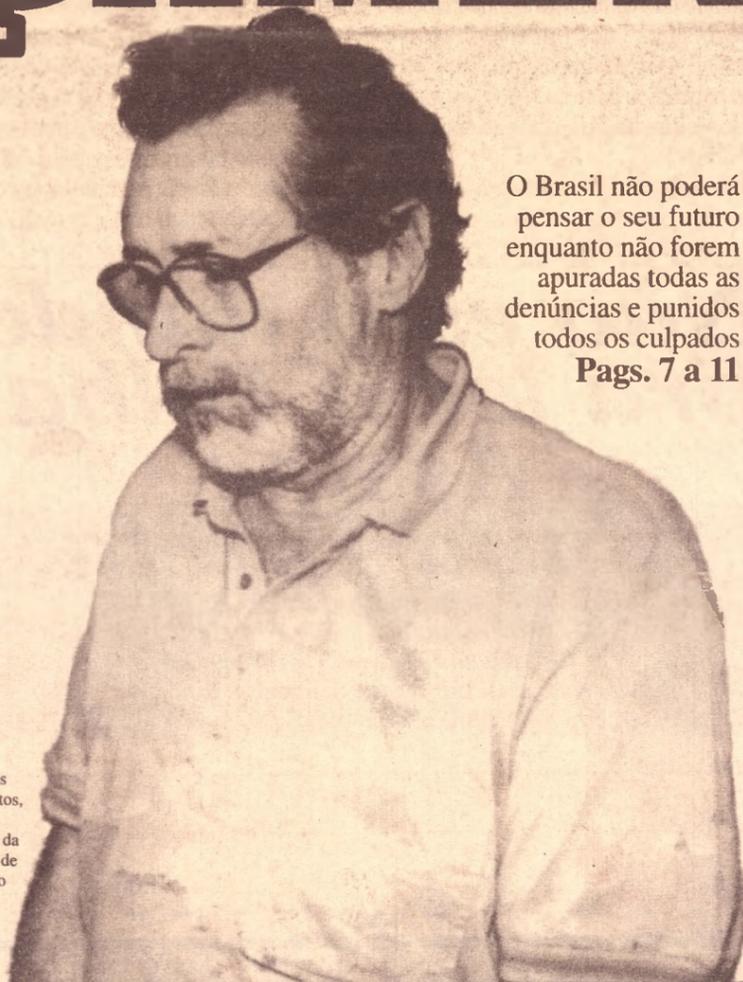
ANO II - Nº 50
1 A 17 DE NOVEMBRO DE 1993
CR\$ 190,00

CADEIA PARA OS LADROES DO ORÇAMENTO

ARGENTINA



O ministro Cavallo continua
sendo o trunfo de Menem para
ficar no poder até o ano 2000
Pag. 14



José Carlos
Alves Santos,
autor das
denúncias da
Comissão de
Orçamento

**LEGALIZAÇÃO
DAS DROGAS**

Uma proposta polêmica sugere a
legalização de consumo e do
tráfico para combater o crime
organizado.
Pag. 13

**PRÉVIAS
DO PT**

Depois da disputa em São Paulo,
vencida por Zé Dirceu, o partido se
prepara para as prévias em outros
estados.
Pag. 6

**LULA SOLTA
O VERBO**



Em entrevista exclusiva, o
presidente do PT propõe uma
Operação Mãos Limpas para o
Brasil.
Pags. 10 e 11





DIÁLOGO

Mãos sujas

Como dizem no sertão, o Congresso brasileiro está bichado. Aliás, muita coisa está bichada neste país. É preciso limpar a casa — ou a parte podre do fruto contaminado — para que o país possa pensar em seu futuro. As denúncias de corrupção na Comissão de Orçamento da Câmara Federal, feitas por seu ex-diretor José Carlos Alves Santos, atingiram em cheio o Congresso Nacional, ministros do governo Itamar, governadores e lideranças de partidos influentes, especialmente o PFL e o PMDB. A Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso tem suas sessões transmitidas ao vivo pela televisão e o rádio e, diariamente, milhões de brasileiros acompanham o triste espetáculo dos depoimentos e denúncias. Fala-se em antecipação das eleições gerais para presidente da República e para todo o Congresso. E Lula, em entrevista exclusiva ao *Brasil Agora*, propõe a realização de uma operação Mãos Limpas, pondo os corruptos na cadeia, a exemplo do que vem fazendo a Itália. (Páginas 7 a 11).

Nesta edição, o *Brasil Agora* está introduzindo mudanças profundas em seu projeto gráfico, com o objetivo de tornar a sua leitura mais agradável. A nova equipe responsável pela direção de arte é liderada por Toni Cotrim, publicitário, e conta também com a participação de Pedro Lyrio, artista gráfico. Ainda em fase de ajuste, o projeto gráfico está aberto a sugestões e críticas de nossos leitores.

Em tempo: o jornal *Brasil Agora* solicita desculpas aos deputados petistas José Genoíno e Paulo Delgado que, devido a um erro de revisão na matéria sobre a Revisão Constitucional da edição nº 49, tiveram um tratamento impróprio por parte deste jornal.

O Editor.

Falta Seriedade I

Contrariando a posposta de ser um dos poucos informativos sérios deste país, *Brasil Agora* afrontou a inteligência de seus leitores ao desperdiçar o espaço de uma página inteira com a entrevista da astróloga e "cientista política" Bárbara Abramo. O que leremos a seguir, prognósticos da situação política do país por médiuns, pais-de-santos e videntes?

Carlos Veloso de Melo Jr.

Descontentamento

Manifesto o meu descontentamento pelo fato de na seção Diálogo, do *Brasil Agora* nº 48, ter sido publicada apenas uma parte da minha carta.

Afirmo que o egoísmo é a mais importante (e não talvez) a causa da violência.

Será que o redator não gostou da indagação "porque a sociedade comenta - até com certa dramaticidade - os seqüestros, o tráfico de drogas, os assassinatos, mas se cala diante do frio e cruel extermínio de milhões de inocentes, através do aborto?"

Será que desagradei ao afirmar que o nosso egoísmo... "nos impede de realizar, não só atos de heroísmo, mas até mesmo pequenos gestos de boa vontade para transmitir solidariedade aos nossos semelhantes?"

Ou o texto foi considerado muito grande? Se foi este problema, o jornal

deveria publicar, constantemente, o critério quanto ao tamanho das cartas, para que a opinião dos leitores seja publicada na íntegra e sem distorções, como também para que o diálogo seja realmente democrático.

Paulo Prazeres
Palma, MG

Falta Seriedade II

A credence e a superstição ganham espaço no jornal *Brasil Agora*. Fiquei indignada com a publicação da entrevista feita com a Sra. Bárbara Abramo. A picaretagem tão acertadamente denunciada na primeira página é praticada na última. Um jornal que tem obrigação de informar corretamente, contribuir para explicar a população as verdadeiras causas da nossa miséria e consequentemente nossa desesperança, incentiva o obscurantismo, a negação da ciência e as saídas fáceis e individuais através do misticismo. Pela leitura da entrevista não somos mais agentes sociais, tudo está escrito nas estrelas. O "pobre" PC Farias é vítima do maligno. A eleição do Lula em 94 vai depender da conjunção dos astros. A "sabidinha" neste caso, não arrisca um prognóstico.

Quero deixar meu veemente protesto pela forma irresponsável como está sendo conduzido o *Brasil Agora* num momento tão grave como o que estamos vivendo. Estas manifestações místicas engrossam o discurso das classes dominantes que alardeiam a morte do socia-

lismo, o fim da luta de classes, que tem como objetivo criar uma cortina de fumaça para aumentar a exploração sobre os oprimidos.

Como antídoto recomendo a leitura do artigo de Francis Slankey: "Repúdio à razão cria idiotas da subjetividade", publicado no caderno Mais da *Folha de S. Paulo* em 3/10/03.

Raquel Naschenveng Mattes
São Paulo, SP

Não São Tranqueiras

A respeito do que vi no *Brasil Agora* nº 48, discordo totalmente do leitor Luís Carlos Ventura, quando chama de tranqueiras os governadores Leonel Brizola e Alceu Collares. Ambos do PDT. Gostaria de saber quais foram as sacanagens e as besteiras que os dois governadores fizeram, citados com clareza na carta "Menos São Paulo".

Provavelmente, o caro leitor deve ser um telespectador muito assíduo da Rede Globo, que sempre atacou veementemente as propostas socialistas e especificamente o atual governo do Rio de Janeiro.

Marcos Saraiva da Silva
Cosmópolis, SP

Campanha Negativa

Dois jornalistas vêm se destacando pelas agressões contra setores da esquerda. Um é o comentarista Rogério Mandelski, que apresenta um programa que vai ao ar todas as manhãs na Rádio Gaúcha. Ele não perde a oportunidade de culpar o PT e os movimentos sindicais por todos os problemas econômicos que assolam o país.

O outro, muito conhecido, por sua voz de taquara rachada e a sua mania de americano é o pseudo intelectual Paulo Francis. As suas acusações ao PT e ao Lula aparentam ser uma campanha dirigida pela Rede Globo para combater a candidatura Lula 94.

Diante disto, espero que os dirigentes do partido procurem rebater estas críticas e mostrar à população quem são estes jornalistas e quais os objetivos e a serviço de quem eles trabalham.

Renato Letizia Garcia
Porto Alegre, RS

Não está dando pra ler a Folha? Assine Linha Direta.

- Assinatura semestral (24 edições) CR\$ 970,00
- Assinatura anual CR\$ 1.850,00
- Assinatura de apoio CR\$ 2.200,00

Basta enviar ao PT/SP cheque nominal ao Linha Direta.
Rua Conselheiro Nébias, 1052 CEP 01203-002 Fone (011) 223 7999

Nome.....
Endereço.....
Cidade.....UF.....CEP.....Fone.....

BRASIL AGORA

Diretor: Markus Sokol - **Editor:** José Américo Dias - **Editor de Arte:** Toni Cotrim - **Redação:** Antonio Martins, Flávia Aguiar, Hamilton Cardoso, Mouzar Benedito, Valter Pomar - **Secretária:** Adélia Chagas - **Sucursal Rio Grande do Sul:** Luciane Fagundes, José Luiz Lima e Marco Antônio Schuster. **Copidesque e Revisão:** Celso Cruz - **Colaboradores:** Alan Rodrigues, Alípio Freire, Aloisio Moraes, André Singer, Antonio Carlos Fon, Antonio Carlos de Queiroz, Clovis Castro, Bernardo Kucinski, Breno Altman, Carlos E. Carvalho, Celso Horfa, Célio, Cintia Campos, Cláudio Schuster, Denise Neumann, Edmilson de Souza, Emil Saader, Eugênio Buccil, Fernando Estima, Fernando Paiva, Flamarion Maués, Flávia de Sampaio Leite, Flávia Loureiro, Flávia Pachalki, Genaro Urso, Helio Silva, Ivan Seixas, Isaac Akcelrud, João Machado, José Rocha, Juan Pozzuffa, Juarez Guimarães, Justino Pereira, Klipper, Linete Martins, Luscar, Manoel Alvarez, Márcia Braga, Márcia Moreira, Marco Aurélio Garcia, Marcos Soares, Maria Lúcia Brandão, Mario Augusto Jakobskind, Maringoni, Marisa Mellani, Marisa Dias Costa, Mladaira, Milton Fogo, Nelson Rios, Nilmarino Miranda, Norma Sueli O. Reis, Nora Napoli, Ohi, Pato, Patrícia Cornils, Paulo Barbosa, Paulo Roberto Ferreira, Paulo Zilbermann, Pedro Ortiz, Perseu Abramo, Raimundo Pereira, Rogério Soffili, Rul Falcão, Sérgio Canova, Sérgio Sliker, Walter Ono, Wladimir Pomar. A opinião dos articulistas não reflete necessariamente a linha editorial do jornal.

Brasil Agora é uma publicação quinzenal da Editora Brasil Agora Ltda. - Alameda Gleite, 1409 - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones: 220-7718/223-0959 - Fax: (011) 222-7761 - **Administração:** M^{te} Alice de P. Santos - **Assistente:** Ivanilda Alves - **Departamento de Circulação:** José Luis Nadai, Ana Maria Alves (Assinaturas), Guilberto Genestra (Bancos de Dados) - **Assinaturas:** Rio de Janeiro: Ana Cláudia F. Gonçalves (021) 242-0793; Fortaleza: José Vital (085) 252-1992; Porto Alegre: Talles da Rosa (051) 221-7733; Belém: Rui Santana; José Maria R. de Souza Filho (091) 224-8579; Belo Horizonte: Antonio Borges (Cebola) (031) 222-3735; Florianópolis: Wolney Chucre (0482) 23-5907 - **Expedição:** João A. Guevara - **Serviços Gerais:** Eliandira M. Ferreira, Fernando S. Siqueira, Lucilene B. Silva, Marcelo L. C. Pontes.

Impressão: Diário de Mogi - Distribuição: Dinap S/A - Tiragem desta Edição: 35.000 exemplares foram impressos no dia... de 1993.
Jornalista Responsável: José Américo Dias

BRASIL AGORA
Assine já
LIGUE GRÁTIS
0800 - 11.1300

Preencha em letra de forma. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP. - Fones: (011) 220 7718 / 223 0959

NOME.....
ENDEREÇO.....
CIDADE.....UF.....
CEP.....FONE.....
PROFISSÃO.....
CARTÃO DE CRÉDITO: VISA CREDICARD AMERICAN EXPRESS
Nº.....VALIDADE.....

- Assinatura 12 edições CR\$ 2.100,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30)
- Assinatura 25 edições (anual) CR\$ 3.960,00
- Assinatura de apoio (anual) CR\$ 6.200,00



O VELHO OVO DA SERPENTE

Aldo Fornazieri

Num artigo publicado no **Brasil Agora** nº 49, Valter Pomar, na tentativa de justificar o conservadorismo constitucionalista, alinha alguns argumentos tão frágeis quanto inverídicos. Argumenta que a revisão visa golpear a candidatura Lula. Cita como exemplo de golpe a reeleição do presidente e dos governadores o que, na verdade, se Lula tiver um bom desempenho na presidência caso seja eleito, em tese poderia beneficiá-lo. Quanto ao fim dos dois turnos, é evidente para qualquer pessoa medianamente inteligente que é mais fácil eleger Lula num turno só do que em dois. E quanto ao voto duplo e o voto distrital, essas propostas não tem força no Congresso. Ocorre que quando alguém precisa mentir para dar força ao que defende, é porque já não tem mais nenhuma razão. A idéia de que a revisão é golpe foi inventada pelo PC do B, do qual Valter e outros ficaram caudatários.

Mas a verdadeira intenção do artigo é outra: ele integra o coro de alguns ansiosos em fazer Executivas e Diretórios punirem opiniões de lideranças petistas. Em partidos políticos esta prática não é nova.

Remonta às tradições burocráticas e autoritárias da III Internacional e do stalinismo. O debate de idéias e a discordância são práticas democráticas. O problema torna-se grave quando se exige que as idéias de alguém sejam punidas por instâncias partidárias, como Valter e outros exigem. A liberdade de opinião é a mais elementar liberdade política e direito universal reconhecido por todos os regimes democráticos. Um partido que se auto-define como socialista, democrático e emancipador não pode reconhecer menos direitos fundamentais da pessoa humana daqueles que são universalmente reconhecidos.

É evidente que um partido para funcionar precisa de normas. Mas as normas, em primeiro lugar, não podem desmentir os valores fundamentais que o partido defende; e em segundo lugar, devem dizer respeito aos procedimentos democráticos internos e à unidade de ação. Todos os analistas de bom senso concordam que, em grande medida, o totalitarismo soviético já tinha seus germes na forma como estava estruturado o partido leninista.

A grande revolucionária Rosa Luxemburgo havia advertido de forma veemente sobre os perigos autoritários implícitos nas práticas do partido leninista. Mas felizmente o PT não é um partido comunista e pode aprender positivamente com as tragédias da esquerda.

O que preocupa, porém, é que os nossos "revolucionários" têm disposição suficiente para destruir o PT. Historicamente as cisões em partidos de esquerda foram produtos de sua burocracia autoritária. Uma burocracia eficiente e democrática é muito necessária ao PT. A principal ação facciosa da burocracia autoritária consiste em atacar permanentemente as lideranças do Partido. Primeiro joga a base do partido contra as lideranças para apossar-se do aparelho. De posse do aparelho procura punir sistematicamente as lideranças.

Burocracia autoritária e lideranças parlamentares fortes, são duas coisas incompatíveis. As lideranças assumem responsabilidades públicas com propostas. A burocracia usa a fachada do partido para pregar ilusões e não assumir responsabilidades. As lideranças têm espírito de iniciativa,

de ação, de inovação. A burocracia autoritária é conservadora. Tende ao totalitarismo e não permite a livre iniciativa em qualquer campo de ação. Por isso persegue os intelectuais e as lideranças. A palavra de ordem dos espíritos totalitários é a fidelidade, não a conteúdos, mas a formas, ao partido, ao comportamento etc. Para os democratas, a fidelidade ao partido só tem sentido se for vinculada a um conteúdo.

Valter faz uma afirmação ridícula de que Genoíno tem espaço na imprensa porque não é obstrucionista e porque é minoria combatida no PT. Lula, Genoíno, Mercadante, Zé Dirceu, Telma, Erundina, etc., tem espaço na imprensa porque são lideranças e porque suas idéias são relevantes para a sociedade. Pequenas pendengas internas, que aliás não são importantes nem para o Partido e nem para os trabalhadores e a sociedade, evidentemente não ocupam espaço na imprensa. São apenas o velho ovo da serpente autoritária que teima em se reproduzir apesar da derrota histórica.

Membro do Conselho Deliberativo Regional PT SP

UMA ESPERANÇA PARA O MÉXICO

Paulo Teixeira

O México, durante os 05 anos do Governo Salinas, pôs em prática o receituário neoliberal exigido pelo FMI e pelo Banco Mundial, como condição para assinatura do Trabalho do Livre Comércio (TLC) que integra as economias americana, canadense e mexicana num mercado comum, gerando uma série de problemas sociais para o país.

Fim das barreiras alfandegárias, corte nos gastos públicos, privatização das Estatais, derrubaram a inflação para um patamar de 8% ao ano, gerando em contrapartida um desemprego grandioso, a falência de inúmeras empresas, a quebra de milhares de trabalhadores rurais, um aumento brutal nos índices de pobreza contrastando com a concentração da renda nacional nas mãos de uma minoria.

A idéia de um estado mínimo, reflete na total desarticulação das políticas sociais, nas áreas da saúde, educação, transporte, etc, deixando desprotegidos os grupos sociais mais vulneráveis ao modelo econômico concentrador de renda e gerador de miséria.

Este modelo econômico gerou uma enorme concentração de renda.

Segundo o Deputado do Partido Revolucionário Democrático Manuel Huerta em discurso proferido na Câmara dos Deputados, somente a família Azcarraga tem uma fortuna superior ao que o Governo do México gastou nos 3 primeiros anos na área social no Programa Nacional de Solidariedade (Pronasol), e a família Slim tem uma fortuna 10 vezes superior às inversões do Banco Mundial em 4 estados destinadas ao combate à pobreza.

Os índices sociais são alarmantes. Metade da população está em estado de pobreza e 17,3 milhões em condições de miséria absoluta e a mortalidade infantil é de 38 óbitos para 1.000 nascimentos.

A reação ao modelo econômico selvagem está viva na sociedade mexicana. Na 1ª quinzena de setembro o Banco Mundial e o Governo mexicano realizaram uma conferência para discutir a situação da pobreza no país. Paralelamente, entidades sindicais, movimentos populares, membros da igreja progressista, organizações não governamentais, professores universitários realizaram um foro paralelo na cidade de Oaxaca

denunciando o modelo neoliberal como potencializador da miséria no país propondo o desenvolvimento econômico com distribuição de renda e o investimento de recursos em políticas sociais, como remédios de combate à miséria.

Na cidade do México, milhares de pessoas invadiram a Câmara dos Deputados, com o objetivo de barrar a aprovação da nova Lei do Inquilinato, que dá amplos poderes aos locadores de imóveis em detrimento dos locatários, ampliando a crise social.

Na mesma semana da conferência de Oaxaca, 4.000 trabalhadores rurais acamparam na praça do Zócalo, em frente ao Palácio do Governo, para exigir o fim dos empréstimos vencidos, inadimplência junto aos bancos resultante da abertura das fronteiras que arrasou a pequena produção rural com a entrada de produtos agrícolas americanos. E no país, proliferaram movimentos sociais urbanos de sem terra, mulheres, crianças e adolescentes, saúde, educação, etc.

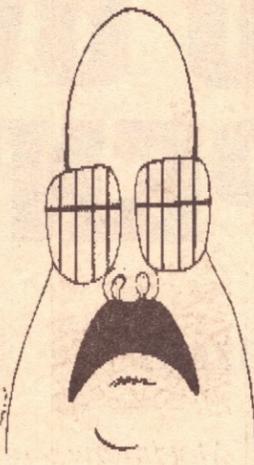
A grande esperança é a de ampliar o processo de mobilização social e dar um salto político para derrotar o

modelo neoliberal e implantar uma política de desenvolvimento econômico, com distribuição de renda, através da construção de um forte mercado interno, rompendo com o modelo excludente atual.

O depositário dessas esperanças é o candidato a presidente da República pelo PRD, partido de esquerda que, junto com o PT, integra o Forum de S. Paulo, Cauahutemoc Cárdenas, que conseguiu aglutinar os setores democráticos e progressistas do México, criando uma alternativa de governo capaz de romper a hegemonia do PRI (partido oficial) e construir uma democracia política, social e econômica para o país.

Do ponto de vista externo, o México que sempre teve uma política externa de independência frente aos EUA, poderá com a vitória de Cárdenas, contribuir para o fim do bloqueio a Cuba, derrotar o neoliberalismo e promover uma integração na América Latina na ótica dos países pobres na perspectiva de uma nova ordem mundial.

Membro do D.R. S. Paulo e do Coletivo da Secretaria Nacional de Movimentos Populares e representou a SNMP na Conferência de Oaxaca.



migraram para o PSD, ao que tudo indica recebendo gorjetas. O pedido foi feito dia 21 pelo Corregedor-geral da Câmara, Fernando Lyra (PSB-PE).

Um dos acusados contra-atacou.

O deputado Onaires Moura (PSD-PR) disse na tribuna que o presidente da Câmara, Inocêncio de Oliveira, patrocinou no início do ano, quando disputava o cargo, migração do mesmo tipo, porém muito mais volumosa. Inocêncio admitiu o ato, mas garantiu que o troca-troca que comandou "não envolveu dinheiro". Alguém crê?

PC Farias apareceu

em Londres, no dia 20. O objetivo do gesto permanece desconhecido, inclusive porque as investigações da CPI do Congresso pararam implicá-lo. Uma pista para entender a atitude: Os irmãos de PC disseram dia 24 que ele começou a organizar um "pacote de documentos" que implica pelo menos vinte parlamentares, cinco governadores e nove empreiteiras. Pode ser a volta da tática "não cairei sozinho"...

Fleury tornou-se mais suspeito

de ser o pivô do caso. O *Jornal do Brasil* publicou em 18/10 a longa relação de telefonemas que o governador de S. Paulo teria trocado com muitos dos parlamentares que venderam seus mandatos, dias antes da revoadada.

Uma CPI abala

o governo do Rio Grande do Sul, chefiado por Alceu Collares. Corrupção, tráfico de drogas e extorsão são os ingredientes do maior escândalo da história política do Estado. O episódio já resultou em duas demissões no segundo escalão do Executivo, e na prisão de Celestino Eliezer Júnior, cunhado do governador. Celestino é acusado de usar seu parentesco para extorquir pessoas e obter vantagens pessoais. Há denúncias que atingem as secretarias de Obras, Educação, Transportes e Fazenda.

A maioria quer eleições.

Uma pesquisa "Datafolha" divulgada em 20/10, logo depois que ficou claro o envolvimento de um grande número de parlamentares com corrupção, revelou que 51% dos eleitores de S. Paulo concordam com a antecipação do pleito de 94. São contrários 37% e há 9% de "indiferentes".

Tropas do exército ocuparam,

em duas ocasiões (14 e 21/10), a Favela Roquete Pinto, em Ramos, Zona Norte do Rio. Francamente inconstitucionais, as ações contaram no entanto com o silêncio do governador Brizola. O Comando Militar Leste alegou primeiro que procurava traficantes que teriam disparado contra um sentinela, que jamais apareceu. Depois disse que pretendia recuperar armas roubadas. O ministro do Exército, Zenildo Zoroastro, teria sido "informado" de tudo.

Os grandes jornais aplaudiram

a ocupação militar da favela. *Estado*, *Globo* e *Folha* insinuaram que traficantes de Ramos haviam "acuado" o quartel do 24º Batalhão de Infantaria Blindada, onde há cinquenta tanques de guerra e mil soldados... Os dois primeiros propuseram abertamente intervenção federal contra o governo do Rio.

Foi pedida a cassação

de três dos dezesseis deputados federais que



O governo quer mais cortes

nos gastos do Orçamento, acrescentaram os assessores de FHC. A tática, confessaram aos jornais, é forçar o Congresso, agora ainda mais desmoralizado, a aceitar medidas que levarão ao desmantelamento mais profundo dos sistemas sociais e dos serviços de infra-estrutura operados pelo Estado.

As bolsas despencaram

entre 20 e 22/10, sob impacto da CPI do Congresso e do possível esfacelamento da equipe de FHC. A queda acumulada ficou em torno de 20%, em S. Paulo e Rio. Houve forte corrida ao dólar. No dia 20 o Banco Central teria sido obrigado a queimar US\$ 1 bi para impedir uma alta explosiva da moeda norte-americana

Estado favorece banqueiros,

denunciou dia 21 o deputado Augusto Carvalho (PPS-DF). O governo federal estaria se servindo cada vez mais dos bancos privados para fazer depósito de recursos públicos, ao invés de usar as instituições oficiais. As somas confiadas aos banqueiros atingem US\$ 10 bi, garantindo polpidos ganhos financeiros. A estranha política seria sustentada, no Executivo, pelo ministério da Fazenda...

O nível emprego declinou

gravemente na indústria paulista, nas duas primeiras semanas de outubro. Segundo a Fiesp, 10.120 trabalhadores foram demitidos em apenas quatorze dias - os piores índices em 40 semanas. A federação patronal atribuiu o resultado "à instabilidade econômica".

A Varig demitirá

1.300 funcionários, desativará aviões e fará ampla terceirização. Foi o que anunciou em 25/10 a direção da empresa, a única que parecia, no Brasil, resistir à crise internacional do setor.

Itamar reuniu a equipe econômica

dia 21, mas não baixou o pacote de privatizações, cortes de investimentos públicos e aumento de impostos que o ministro Fernando Henrique havia anunciado a seis de seus colegas dois dias antes. A divulgação antecipada das medidas desgostou o presidente Itamar, que pediu mais tempo para debater. Irritados, dois assessores de FHC, Pêrsio Arida e André Lara Resende, ameaçaram demitir-se.

FHC insistiu nas medidas,

e orientou seus auxiliares para que as transmitissem, em caráter oficioso aos jornais. Dito e feito. Em 22/10 o presidente do BNDES, Pêrsio Arida, tomou a iniciativa de "anunciar" a retomada das privatizações. Garantiu que Itamar havia concordado com a entrega a particulares das hidrelétricas estatais, que vem sendo apontada pelos sindicatos de eletricitários como capaz de provocar sucateamento.

FGTS, nova "moeda podre"?

Em sua entrevista, Arida também disse que está decidido: o governo forçará os trabalhadores a se tornarem "sócios" da privatização. Ao invés de resgatar suas dívidas com o FGTS, o Estado as transformaria em "moedas podres" para compra de estatais. O ministro Walter Borelli, que um dia assessorou os sindicatos, insiste em apresentar-se como "pai" da proposta.

**MAIOR VARIEDADE E MELHOR QUALIDADE
COM AS MELHORES
CONDIÇÕES DE PAGAMENTO**



Uma loja para quem não tem medo de ser feliz

LOJA CDM - PT - SP

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação
São Paulo/SP 01415-010
Fone: (011) 37 6651 - Fax: (011) 258 5761

MUDANÇAS NA SUCESSÃO

Gilmar Carneiro anuncia que apóia Vicentinho. Mas quer negociar Executiva, e ganha força no interior da "Articulação"

Um encontro nacional da tendência *Articulação Sindical* alterou, nos dias 14 e 15 de outubro, a disputa que os principais líderes dessa corrente travam entre si para influir na próxima direção da CUT. O presidente do Sindicato dos Bancários de S.Paulo, Gilmar Carneiro, anunciou que apoiará a candidatura de "Vicentinho", do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, à presidência da Central, o que a imprensa registrou.

Ao contrário do que disseram os jornais, no entanto, não se trata de uma desistência. Gilmar, que comunicou que disputará uma vaga de deputado federal em S.Paulo, formulou ao mesmo tempo uma proposta completa para o preenchimento dos 16 cargos que compõem a Executiva da CUT.

Apresentada como um esforço para chegar a uma chapa única e evitar novo desgaste da Central em seu 5º Congresso, que ocorrerá em abril, a proposta de Gilmar tem características marcantes. Preserva a mesma correlação de forças que existe hoje, na Executiva, entre a *Articulação Sindical* (12 integrantes) e as demais forças (apenas 4). E conduz aos cargos decisivos de secretário-geral e tesoureiro dirigentes tidos como muito próximos a Gilmar.

GILMAR.

Por trás da iniciativa, portanto, poderiam estar dois fatos. O presidente do Sindicato dos Bancários de S.Paulo decidiu não disputar, embora reúna forças suficientes para negociar a composição da nova direção. E estaria disposto a fazer valer este cacife. O resultado do encontro da *Articulação Sindical* confirma, aliás, estas hipóteses. A ala ligada a Gilmar conseguiu eleger o novo coordenador nacional da corrente: João Vacari, um bancário de S.Paulo.



Solução de consenso define nova direção da CUT

Não é possível prever, no entanto, se tal êxito poderá se manter nos próximos meses. Primeiro, porque ele ainda não está consolidado sequer no interior da *Articulação Sindical*. Vicentinho, por exemplo, não compareceu ao encontro da corrente, e seus aliados evitaram posicionar-se sobre a chapa oferecida ao debate pelo antigo adversário.

Uma incógnita ainda maior é a correlação de forças que deverá

prevalecer no 5º Congresso da CUT, e que envolve forças exteriores à tendência majoritária. Entre outros motivos, porque uma plenária que a Central realizou em julho alterou os critérios para eleição dos delegados. Agora eles serão escolhidos, em sua ampla maioria em assembleias de base dos sindicatos o que poderá alterar as previsões dos dirigentes. Em 1991 os delegados foram eleitos nos congressos estaduais da CUT.

Movimentos no Mineirinho

O esperado Congresso da Central de Movimentos Populares vai acontecer. É agora neste final de semana dias 28, 29, 30 e 31 de outubro, em Belo Horizonte no Mineirinho. Desde de 1989 a idéia está tentando ganhar força. Foram realizadas várias plenárias e agora chegou o momento. O desafio estará nos movimentos depois deste final de semana. As propostas são ambiciosas, tanto no que diz respeito a urbanização do espaço da cidade, como todas os pontos justamente levantadas quanto a cidadania.

Aborto e Partidos

A pesquisa realizada pelo Data Folha e publicada no último dia 24 de outubro pelo jornal ficou constatado que o PT é o partido mais progressista em relação à legalização da prática do aborto. Os dados quantificam. No PSDB e PFL 49% dos parlamentares são contra, no PPR e PMDB 47%, e no PDT 50%. Só o PT desponta com 52% dos parlamentares favoráveis à discriminação. Vale lembrar que o aborto é quinta causa da mortalidade das mulheres.

Poesia Passarinho

Passarinho é o novo livro de poemas de Hamilton Pereira, o Pedro Tierra, que além de fazer poesia coordena a Secretaria Rural do diretório nacional do PT. Está aí um poeta que fala da luta do povo - engajado, diriam alguns -, com uma linguagem sempre renovada e criativa. A edição, da Oficina de Comunicação de Goiânia, cidade onde mora o poeta, é primorosa combinando com muito bom gosto a disposição dos poemas com fotos de cenas brasileiras. Na abertura de seu livro, Hamilton anuncia sua proposta poética nestes belos versos: "A meu modo/ desorganizo as palavras/ para decifrar intervalos de silêncio/ - neles reside o sentido da fala - / ou para conseguir dizer/ o que oculta o verbo/ da velha ordem".

O SOM NA MEDIDA DE SUA NECESSIDADE

A **DISKSOM** produz equipamentos de qualidade para serem usados em qualquer ambiente, parado ou em movimento. O funcionamento é muito simples, funciona com a bateria do carro e você investe pouco e uma vez

CONVERSE CONOSCO

VADO OU VANESSA
FONE (011) 34.7244

720W DE POTÊNCIA, GABINETE, TOCA-FITA, EQUALIZADOR, MIXER, 2 MÓDULOS DE POTÊNCIA, MICROFONE, CAIXA INTEGRADA (4 SAÍDAS). PARA CARRO PASSEIO OU KOMBI.



DISK SOM

COMÉRCIO E MANUTENÇÃO

RUA SILVEIRA MARTINS, 12 - CENTRO - SÃO PAULO/SP - FAX (011) 35.0717

No próximo final de semana, entre os dias 29, 30, 31 e 1º de novembro, o Morumbi estará repleto de jovens. O debate promete ser acalorado. Depois de três anos a União Brasileira de Estudantes Secundaristas realizará o seu XXX Congresso. O total de delegados previsto está entre 3.500 a 4 mil estudantes.

A presidência da UBES, atualmente, é controlada pelo MR-8, força majoritária, e pelo PCdoB. A entidade chegou a "assimilar" algumas práticas malufistas. Para "auxiliar" o congresso, o prefeito de São Paulo doou 80 mil dólares. Em um ato realizado pela prefeitura, o presidente da entidade, Mauro Panzela, afirmou que Maluf era o melhor prefeito da cidade para os estudantes. Maluf não perdeu tempo, usou as declarações no horário político do seu partido, o PPR.

Os setores políticos (PT, PPS, PSB e PCB), por não concordarem com estas atuações, com o rumo burocrático e a falta de democracia da entidade, formaram um grupo denominado Kaos. Segundo a oposição, o imobilismo é facilmente verificado. As reuniões só acontecem na diretoria, não existe fórum para que os estudantes possam participar ativamente e os congressos, que deveriam acontecer anualmente, não ocorrem. "Depois do impeachment e da greve de 4 de maio, nunca mais houve mobilização. A UBES caiu em um vazio político", lembrou Fabiano Pereira, secretário-geral da entidade.

O Kaos propõe que sejam criadas UBES regionais e conselhos de grêmios estaduais e que a direção passe a ser colegiada em vez de ter presidentes como na estrutura atual.

Outra crítica do Kaos é referente à política de atrelamento adotada pela entidade frente aos governos estaduais e federal. A greve dos professores estaduais é um exemplo vivo. Os professores estão parados há 70 dias, houve todo tipo de atrocidade por parte do governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, e a UBES se manteve totalmente distanciada e apática. Em relação ao governo Itamar, a única palavra de ordem foi contra o aumento abusivo da mensalidade das escolas particulares. Já no ensino público, não há nenhum tipo de questionamento quanto à qualidade.

As carteirinhas de estudantes é outro ponto considerado polêmico pelo Kaos. Quem as confecciona é a empresa KLS, formada por militantes do PCdoB e MR-8. E até agora o dinheiro não foi repassado para os grêmios. O Kaos aponta a necessidade de acabar com o monopólio da empresa e passar para as entidades municipais o processo de confecção.

Adélia Chagas

O deputado federal José Dirceu é o candidato do PT ao governo de São Paulo. Realizadas no dia 17, as prévias registraram a presença de 20.801 militantes, acima do quórum mínimo e de todas as expectativas. Dirceu alcançou 10.310 votos, 270 apenas a mais que os atribuídos à ex-prefeita de Santos, Telma de Souza. Extremamente acirrada, a disputa só se definiu com a apuração dos resultados nos últimos municípios a concluírem as apurações. Um recurso da candidata derrotada, que pedia anulação da prévia em Diadema, onde Dirceu livrou mais de mil votos de vantagem, foi recusada por unanimidade pela Executiva do partido.

Dirceu e Telma pertencem à corrente "Unidade e Luta" do PT. A proximidade política entre ambos impediu uma disputa polarizada entre as tendências do partido. Os integrantes de pelo menos três delas (a própria "Unidade e Luta", "Hora da Verdade" e "Na Luta PT") dividiram-se entre os dois candidatos. A "Democracia Socialista" apoiou Dirceu. Entre o "Projeto para o Brasil" houve apoios a Telma e abstenções.

Segundo o próprio José Dirceu, o alcance do resultado "vai além da

PT VAI DE DIRCEU

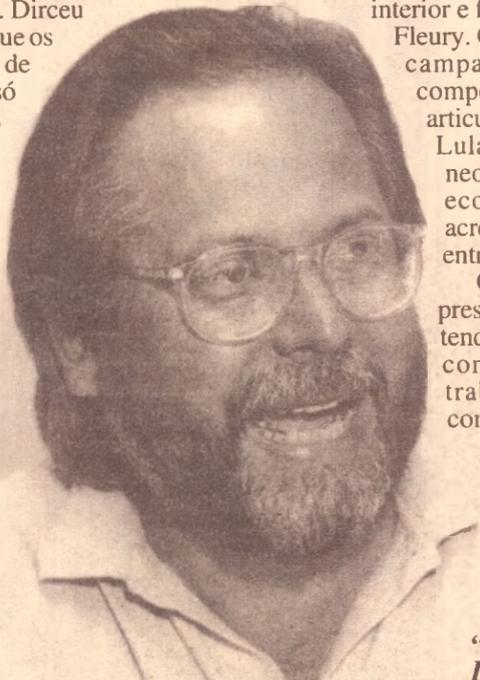
Partido prevê campanha orientada para temas nacionais, e alianças à esquerda.

definição do programa de governo". Ele explica: "O PT de São Paulo terá candidato próprio, fará uma campanha voltada para o debate dos temas nacionais, dará peso importante ao interior e firmará sua marca anti-quercista e anti-Fleury. O partido, e não o candidato, dirigirá a campanha". Zé rejeita a hipótese de composição com o PSDB: "Os tucanos articulam uma candidatura nacional contra Lula. Identificam-se com Itamar e o neoliberalismo. Aplicam uma política econômica conservadora. Só quem acredita em milagres poderia propor frente entre os dois partidos".

O deputado estadual Ruy Falcão, vice-presidente nacional do PT, adianta: "A tendência é compor, no primeiro turno, com o movimento organizado dos trabalhadores e os partidos que compuseram a Frente Brasil Popular.

Procuraremos, já nos próximos dias, PSB, PCdoB, PCB e PSTU, para iniciar entendimentos para uma coligação".

Antonio Martins



"Tucanos articulam-se contra Lula", lembra o candidato

Outros Estados

PRÉVIAS NA RETA FINAL

Encaminhados

No Rio Grande do Sul, o candidato do PT é Olívio Dutra. No Espírito Santo, é Vitor Buaiz. No Rio de Janeiro, Wladimir Palmeira recebeu 70% dos votos em uma prévia que não deu quorum. Em São Paulo, José Dirceu venceu as prévias. Em Goiás, a prévia petista está marcada para o dia 15 de novembro. No Distrito Federal, a prévia será nos dias 20 e 21 de novembro.

Projeto Brasília

Três candidatos disputam as prévias que vão escolher o candidato do PT ao governo do Distrito Federal: Cristovam Buarque, Carlos Saraiva e Saraiva e Paulo Bicca. A votação será realizada simultaneamente aos encontros zonais que discutirão o programa de governo do PT - o Projeto Brasília.

Os candidatos a vice, ao Senado e os proporcionais serão discutidos no início de 94. Até lá, o PT pretende discutir com o PSB, o PCdoB, o PST-U, o PCB, o PSDB e o PDT.

Apesar de apoiarem o governo federal, as últimas convenções regionais do PPS e do PSDB indicaram o PT como parte prioritária de seu arco de alianças. Há dificuldades com o PPS, devido a posição assumida pelo seu presidente regional, deputado Augusto de Carvalho, favorável à Revisão Constitucional e contrário aos 100% de reajuste salarial. Já o PDT se enfraqueceu com a saída do Senador e

atualmente ministro da Justiça, Maurício Correia, que deve se filiar ao PMDB.

Pela direita, as articulações são feitas pelo governador Joaquim Roriz, que ainda não definiu seu futuro político, podendo sair candidato ao Senado pelo Distrito Federal, ou ao governo de Goiás. Com 68% de aprovação nas pesquisas, Joaquim Roriz deve jogar seu prestígio nesta campanha.

Dia D

No dia 6 de novembro, grande número de Diretórios Regionais do PR reúnem-se para avaliar o quadro eleitoral. Entre eles, o da Bahia - onde as prévias estão marcadas para 15 de novembro, mas só agora começam a surgir pré-candidatos. Mas não é só no PT que o quadro está confuso. No PSDB, há dois fortes candidatos: o ex-governador e deputado federal Waldir Pires, e o senador e ministro Jutahy Guimarães (este último apoiado pela prefeita de Salvador, Lídice da Mata). No PFL, há quatro candidatos: o deputado federal Benito Gama, alavancado pela CPI do PC e agora chamuscado pela CPI do Orçamento; o também deputado federal Eraldo Tinoco; e os secretários de governo Waldeck Ornellas e Oto Allencar.

No PMDB, há uma disputa entre o grupo de Ruy Bacellar, presidente do Diretório Estadual, anti-quercista mas vinculado a ACM; e o grupo coordenado por Genebaldo Correia e integrado, também, por Pedro Irujo e

Nilo Coelho. Um dos pontos de discórdia é a prévia para escolha do candidato ao governo, que o grupo de Bacellar quer realizar em abril de 1994, e o de Genebaldo quer adiar. Correndo por fora está o ex-governador João Durval, do PMN, atualmente prefeito de Feira de Santana.

Dia D-2

O PT paraense vai realizar, no próximo dia 6, uma plenária de dirigentes para discutir a sucessão estadual. O PPS considera o PT prioritário, mas aguarda a evolução do quadro nacional. O congresso estadual do PSB determinou o PT como seu aliado prioritário, mas quer a superação de problemas localizados. O PDT só se alia ao PT se Hélio Gueiros, atualmente prefeito de Belém, não for candidato ao governo. O PSDB já indicou Almir Gabriel como seu candidato ao governo. Enquanto o presidente regional dos tucanos diz estar aberto a coligação com o PT, Almir Gabriel tem apoiado a política de Fernando Henrique Cardoso. O PCdoB não se nega a conversar, mas parece prosseguir na sua posição pró-Jader Barbalho. Por conta disso, Nonato Guimarães, presidente do PT-Pará, acha que o mais provável é uma coligação com o PSB, caso em que o cabeça de chapa teria que ser petista. Até o momento, o único nome sugerido como pré-candidato é o do deputado estadual Edmilson Rodrigues.



APURAÇÃO JÁ

*Todos querem punir os corruptos.
A CUT e a ABI lembram que um Congresso suspeito
não pode reescrever a Constituição*

Em uma entrevista coletiva à imprensa, no último dia 20 de outubro, Jair Meneguelli anunciou que a CUT pretende convocar a população para um plebiscito sobre a antecipação das eleições gerais, a ser realizado no próximo dia 10 de novembro. A proposta foi feita depois que o presidente Itamar Franco anunciou a disposição de renunciar ao cargo, caso os congressistas também o façam. A idéia da antecipação, anunciada pelo líder no Senado, Pedro Simon, coincidiu com o início da CPI do Congresso onde inúmeros escândalos financeiros, envolvendo a comissão de orçamento do Congresso, vieram a tona. Mas não é exatamente esta a convocação de eleições, o que preocupa o crítico literário Antônio Cândido.



Batocchio da OAB, pede o fim da impunidade

“A questão principal, no Brasil atual é a corrupção”, disse ele. Se ela se confirmar “será a ponta de um véu que se levanta”, disse. Ele acredita que a opinião pública ficará melhor informada sobre o trato com o dinheiro público e poderá interferir na elaboração do orçamento e se interessar “pelo que é oculto no país. Daí - conclui - vai criar maior vigilância sobre as finanças da nação”.

Já o presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo, Tito César Dias, acredita que o surgimento de uma proposta de convocação de eleições gerais, com as renúncias dos titulares do Executivo e Legislativo, “não é mais que uma cortina de fumaça, que vai encobrir as questões principais”. Quanto à disposição do presidente, mais que outra coisa, “tem principalmente a intenção de cooptar a direita”. Ele também acredita que o Congresso não tem mais legitimidade para fazer a revisão constitucional.

O sociólogo Francisco Weffort, da USP, considerou trágica e grave a atual situação brasileira. “É um desastre nacional, revelado, principalmente através da CPI”. A única forma de impedir que ele se aprofunde, é “se a CPI e a revisão funcionarem e se a eleição de 94 ocorrer sem maiores

impedimentos”. Ao falar do quadro político brasileiro é cáustico: “o Executivo não funciona, o ministro Fernando Henrique, apesar do seu êxito político também não funciona e, com a CPI do orçamento, o Congresso se desmoraliza”.

Já o presidente da OAB, José

Roberto Batocchio, não só se opõe à tese da convocação das eleições gerais como a hipótese do Congresso não continuar a revisão constitucional. “Se o Itamar quiser renunciar, que o faça sozinho, é um ato pessoal. No entanto - completa - a Constituição tem que ser cumprida”, ainda que, desde o

seu início, a entidade dos advogados tenha se colocado contra a revisão constitucional.

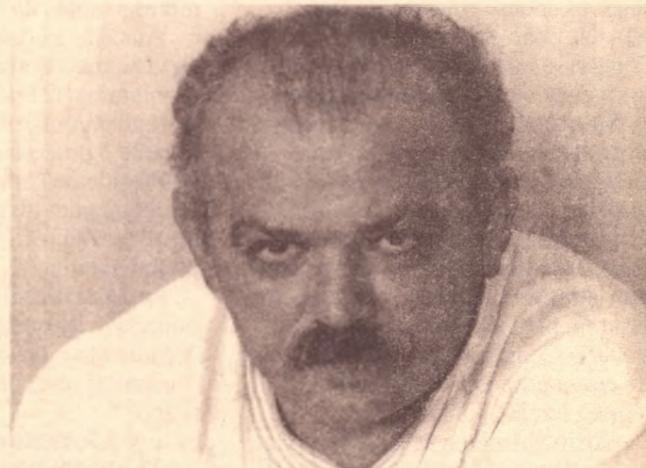
“Já que ela foi aprovada, deve ir até o fim”, diz.

Em sua opinião, com o que concorda o sociólogo Francisco Weffort, “ninguém pode culpar o Congresso

todo por causa de alguns. Entre advogados, jornalistas e também parlamentares existe gente honesta e gente desonesta”, diz. Weffort foi mais longe: “Caso fique provado que 10% do Congresso é corrupto, os outros 90% têm que continuar legislando, punindo os desonestos e fazendo a revisão. Os suplentes devem assumir”, concluiu. A norma constitucional brasileira na opinião de Batocchio deve ser cumprida, e “não mudar à cada crise...”

No caso do dirigente da Força Sindical, Luis Antonio Medeiros, ele opina que a CPI e as denúncias feitas contra parlamentares revelam um momento bastante positivo, vivido pelo país. “É muito bom por que as pessoas estão enfrentando a situação, encarando-a como ela é e atuando em busca da verdade. Acredita que as eleições devem ser mantidas segundo a previsão, assim como a revisão constitucional deve continuar. “O Congresso pode sair revigorado da CPI”, conclui.

Exatamente o contrário do que pensa o presidente da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, que ao ver um Congresso desgastado considera “um escândalo continuar a revisão com sua composição atual”. “A Constituição ‘continua - é a legislação básica do país e não pode ser suspeita”. Porém - diz - ao invés de propor a renúncia coletiva, o presidente Itamar deveria ter uma ação mais



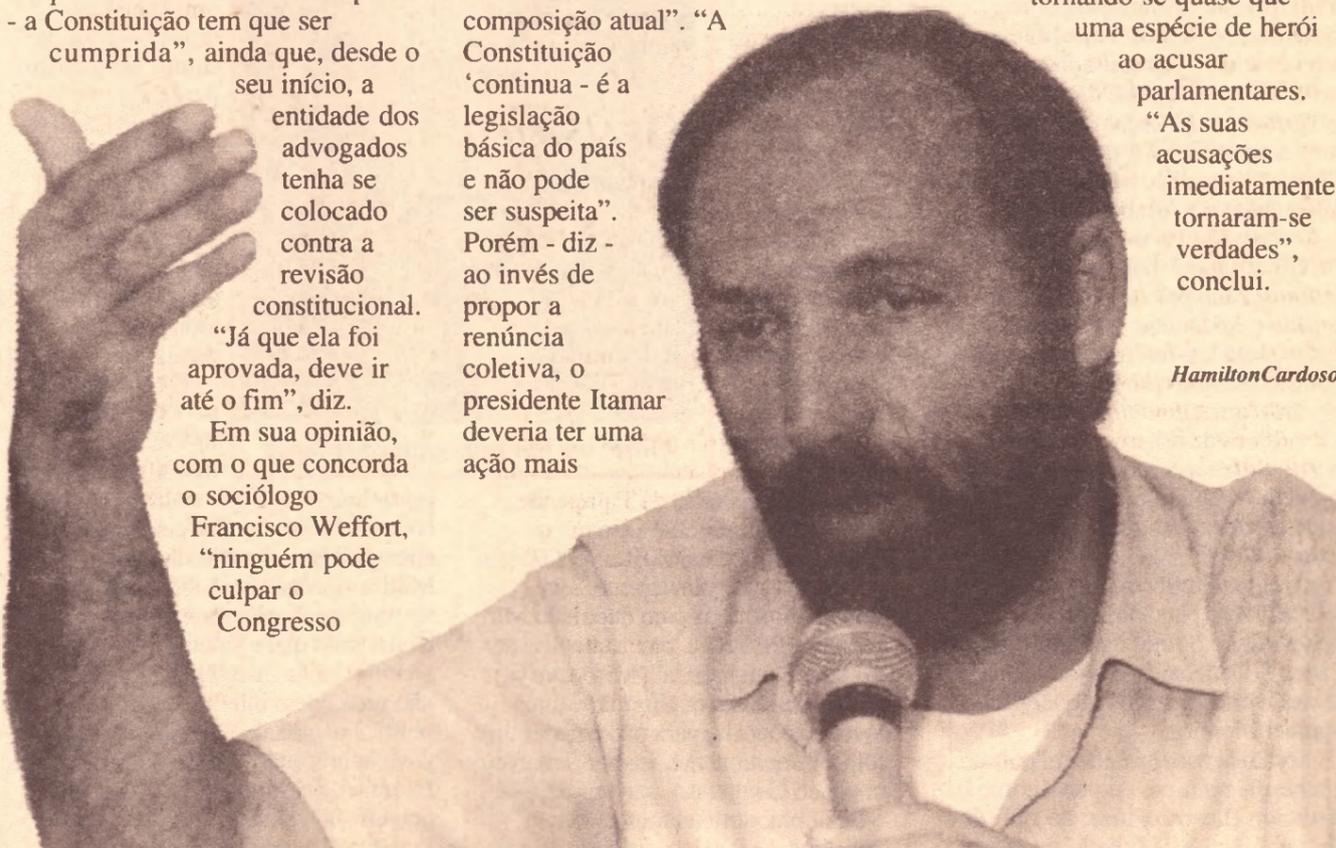
Medeiros insiste na revisão

efetiva. “Se for desrespeitado o mandato dele, pergunta, o que acontecerá com os outros?”.

Para além do problema da legitimidade ou não do mandato presidencial, o sociólogo Weffort lembra do fato da sociedade estar desgastada pelos problemas e indefinições políticas, violências e o clima de exasperação das pessoas. Dois exemplos foram citados por ele, nesta direção: de um lado o cansaço dos movimentos sociais, populares onde trabalhadores que, na greve dos professores, que já dura mais de 60 dias, podem pagar um alto custo. De outro, os arrastões cariocas, provocados e geradores de medo na população. E para mostrar que a sociedade chegou já ao que chama de limite de sua capacidade de aguentar, lembra o fato de José Carlos Alves dos Santos, preso com grande quantidade de dólares e acusado de matar a mulher, estar, um dia depois, no centro do noticiário e do cenário político tornando-se quase que

uma espécie de herói ao acusar parlamentares. “As suas acusações imediatamente tornaram-se verdades”, conclui.

Hamilton Cardoso



Meneguelli, da CUT quer plebiscito para antecipação



O DESAFIO

Ao contrário do que ocorreu com o caso PC, é preciso ir ao encalço dos corruptores

Atônitos, os brasileiros acompanham os acontecimentos de Brasília pela televisão e só vêem lama. O Congresso nacional aparece como um antro onde só há políticos corruptos. E os fatos que se sucedem semana após semana parecem demonstrar esta visão tão pouco lisonjeira que, na verdade, não espelha toda a realidade. Se espelhasse, teriam razão os moralistas de sempre - quase todos à direita mas também à esquerda - para quem bastaria, para resolver o problema, fechar o Congresso, por exemplo. Não era esta a proposta do deputado-capitão Jair Bolsonaro?

Quem chamou a atenção para esta problemática, no início da semana, foi o jornalista Elio Gaspari, da revista **Veja**, de quem muitos têm raiva por ter prestado serviços à ditadura militar. No final de sua coluna, em que analisou a última crise na capital federal, Gaspari ponderou: "...Como é fácil o Congresso sair dessa crise fechado do que sem ladrões a bordo, é preferível que ele continue aberto com alguns ladrões a menos, pois a alternativa é dar de presente aos larápios que compram deputados um país sem o

poder de fiscalização dos representantes do povo".

Analisar a conjuntura de um ponto de vista mais político do que moral é absolutamente essencial para que não se vendam ilusões, como aconteceu durante o processo de impeachment do Presidente Collor. Enquanto os representantes do grande capital resolviam rifar Collor para salvar seu projeto neoliberal, os caras-pintadas iam para as ruas iludidos com a impressão de que eles é que estavam derrubando o presidente. Pior: que, finalmente, estavam passando o país a limpo.

Conexão com PC

As revelações que começam a aparecer na CPI do escândalo da Comissão de Orçamento mostram que o Brasil não foi e que, provavelmente, está longe de ser passado a limpo. Constatase, de início, a existência de uma conexão entre o Caso PC Farias e o escândalo do Orçamento da União. E também que há o risco de ocorrer aqui o que já ocorreu lá: o prosseguimento da investigação das falcatruas dos agentes corruptos menores, ao mesmo tempo que se engavetam ou

nem se instalam os inquéritos dos corruptores graúdos.

As empreiteiras que faziam a festa no Caso PC Farias e o escândalo do Orçamento da União. E também que há o risco de ocorrer aqui o que já ocorreu lá: o prosseguimento da investigação das falcatruas dos agentes corruptos menores, ao mesmo tempo que se engavetam os inquéritos dos corruptores graúdos.

As empreiteiras que faziam a festa no Caso PC são as mesmas que continuaram a festejar nas alocações do Orçamento. É preciso que sejam investigadas até o fim e desmascaradas, sob pena de continuar o esquema das maracutaías. Denunciou o colunista Jânio de Freitas, da **Folha de S. Paulo**, no dia 21 de outubro, que as empreiteiras - OAS, Camargo Correia, Tratex, Andrade Gutierrez, Mendes Jr. Odebrecht-CBPO, C. R. Almeida e Queiroz Galvão (faltava confirmar a Constran) - já tomaram as providências para tentar controlar as investigações da CPI, pondo à disposição de seus parlamentares os recursos necessários.

E Branca de Neve?

O deputado Sérgio Miranda (PCdoB-MG), que vai entrar com um processo por perjúrio contra o empresário Antônio Ermírio de Moraes - por ele ter mentido sobre as propinas oferecidas pela Votorantim ao esquema PC -, confessou estar preocupado com um certo clima de arrefecimento e moderação na CPI. Isto é, uma certa tentativa de não deixar "a lama transbordar demais". Segundo Miranda, "a gente já pegou os sete anões, mas o mais importante é agarrar a Branca de Neve".

Pegar a Branca de Neve, no caso, significa desvelar os mecanismos através dos quais as empresas do grande capital utilizam o Estado em favor de seus interesses. Sabendo, porém, que a compra de parlamentares e de gente como o ex-diretor do Orçamento José Carlos Alves dos Santos é apenas um desses mecanismos. E não o mais relevante, com certeza. Por que? Porque os parlamentares só tratam de uma parcela ínfima do Orçamento: menos de três por cento. os restantes 97% já vêm carimbados do Executivo.

O GOLPE BRANCO DAS ELITES

Os conservadores insistem em entregar a reforma da Constituição a um Congresso agora também marcado pela suspeita

Na tarde do dia 26 de outubro, na segunda tentativa, o presidente do Congresso, senador Humberto Lucena, conseguiu quorum para abrir mais uma sessão da Assembléia Revisora. O motivo da sessão era a leitura proposta do relator do regimento da revisão, deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS). Como se esperava, Ibsen começou pelo mais difícil defendendo-se das acusações que o envolvem ao esquema das falcatruas na Comissão do Orçamento. Com um pungente discurso, o deputado gaúcho saiu-se bem, sendo muito aplaudido. Até quando ele receberá palmas?

Ibsen é apenas um dos caciques do PMDB atingidos pelo vendaval desencadeado pelo ex-assessor do Senado e ex-Diretor do Orçamento da União, José Carlos Alves dos Santos, esse sujeito que nos últimos dois ou três anos amealhou uma fortuna de 3,5 milhões de dólares para facilitar os negócios que as grandes empreiteiras mantêm com parlamentares. Também estão enrolados no caso - segundo acusou José Carlos - o presidente do Congresso, Humberto Lucena, o líder do PMDB no Senado, Mauro Benevides, e o líder do PMDB na Câmara, Genebaldo Correia, além de peixes menores, como o quercista Manoel Moreira.

Foram acusados também outras lideranças políticas de peso, como o deputado Ricardo Fiúza, do PFL de Pernambuco, José Luiz Maia (PI), líder do PPR de Paulo Maluf.

Atenções na CPI

O fato de todas essas figuras terem papel de destaque no processo da revisão constitucional levou os partidos de oposição a questionar a continuidade da revisão, até que os fatos fossem apurados. Durante alguns dias, quando todas as atenções do Congresso se voltavam para a CPI do Orçamento, e nunca havia quorum para as sessões. A revisão entrou em compasso de espera.

No ínterim, a crise ganhava contornos mais graves. O presidente Itamar Franco, personagem menor nesta conjuntura política, mandou seu líder no Senado, Pedro Simon, dizer que se o Congresso quisesse, ele topava

afastar-se mais cedo do Palácio do Planalto, num processo em que as eleições gerais do ano que vem seriam antecipadas. Originalmente, esta proposta fora feita pelo deputado Miro Teixeira (PDT-RJ), que a chamou de "ruptura democrática". Miro teve o cuidado de dizer que Itamar é que deveria propô-la, para não parecer um golpe. Espertamente, Itamar devolveu a bola ao Congresso, para esvaziá-la. A manobra, entretanto, não deu inteiramente certo, e a proposta ganhou inúmeros adeptos, entre os

quais, setores da CUT e do PT. (Nota da Redação: este partido na reunião do seu Diretório Nacional, nos dias 23 e 24 de outubro, decidiu não levantar por enquanto a bandeira da antecipação das eleições, priorizando a apuração e punição dos crimes denunciados na CPI)

A crise atingiu também a área econômica.

Achando que a revisão "já era", e descrentes de poderem aprovar o ajuste fiscal ainda este ano, dois pesos pesados da equipe do ministro Fernando Henrique Cardoso - Pêrsio Arida, presidente do BNDES, e André Lara Rezende, negociador da dívida externa - teriam pedido demissão.

Medalhas a corrupto

Na área militar, os oficiais

preferiram fingir que estava tudo sob controle. Durante uma cerimônia de entrega das comendas da Ordem do Mérito Aeronáutico, com a presença de Itamar, os ministros militares declararam que a situação era normal, que não havia instabilidade e que eles não pretendem intervir na vida política nacional. "O Congresso é que deve apurar tudo", disse o ministro do Exército, Zenildo Lucena. Não foi o que afirmou o brigadeiro da reserva Ivan Frota, o presidenciável, em palestra que proferiu para a Força

Sindical, em São Paulo. Frota exigiu que Itamar assumisse o comando da Nação porque "se não tiver ninguém para apagar a luz, podem ter certeza de que as Forças Armadas estarão lá", ameaçou. "Não por meio da força, mas sim da democracia, tratou de amenizar. O mais curioso é que quatro dos envolvidos no escândalo do Orçamento foram agraciados com o Mérito Aeronáutico: os ministros Henrique Heargreaves e Alexandre Costa, e os deputados José Luiz Maia e Messias Góis (PFL-SE).

A pasmeceira na revisão, depois desses fatos, não duraria muito. No mesmo dia, 25 de outubro, segunda-feira, em que o **Estadão** publicava um editorial conclamando as "lideranças responsáveis" do Congresso a prosseguir os trabalhos da revisão (pois segundo o jornal as investigações da CPI do Orçamento não têm nada a ver com eles), o deputado Nelson Jobim, virtual relator da revisão abalava-se para São Paulo. Encontrou-se com o prefeito Paulo Maluf e com o governador Luiz Antônio Fleury Filho para a revisão.

No Congresso, enquanto Maluf tentava salvar a imagem de seu partido - arranhada com a destacada participação do deputado João Alves e do líder José Luiz Maia nas falcatruas orçamentárias -, apostando no bom desempenho do senador Jarbas Passarinho na presidência da CPI, iniciava-se um movimento de isolamento do PT. Nas conversas dos corredores, ouvia-se um papo antigo, segundo o qual o PT, neste processo, está interessado apenas em tirar vantagens eleitoreiras para o seu candidato à presidência da República.

Antonio Carlos Queirós
de Brasília



Fiúza: um dos principais implicados

DA CPI

REVISÃO NA LAMA

Lula falou da existência de trezentos picaretas no Congresso Nacional. Mais modesto, Delfim Neto, em entrevista à rede Globo, admitiu a existência de uns cinquenta. Temo que, se as denúncias prosseguem, daqui a pouco, os números do Delfim Neto podem superar as estimativas feitas por Lula.

Não é prudente, como querem alguns, propor a instalação de duas CPIs, uma composta pela turma do Onaires Moura destinada a apurar o escândalo do Orçamento e outra, presidida por João Alves, destinado a investigar a compra e venda de passes de deputados. Haveria o risco de um acordo entre as partes.

O clima fúnebre, predominante no Congresso, mesmo entre bancadas de esquerda, não se justifica. A crise é salutar, permite que o povo perceba quem é quem nesta confusão. Além disso, ela cria a possibilidade da esquerda retomar a luta contra a revisão golpista com o argumento de que não é sensato permitir que o Congresso, mergulhado num mar de lama, faça uma nova Constituição.

Revisão não é apenas golpe. É também corrupção. Todos os parlamentares citados no depoimento do economista José Alves dos Santos votaram pela abertura do processo de revisão.

Vale ainda lembrar que as denúncias feitas por José Carlos dos Santos não se constituem propriamente em novidade. tanto é assim que em abril de 1991, o Deputado Jaques Wagner e o Senador Eduardo Suplicy pediram a instalação de uma CPI para investigar as denúncias de corrupção na Comissão de Orçamento. Eles conseguiram as 168 assinaturas necessárias para formalizar o pedido de CPI. As diferentes lideranças partidárias chegaram a nomear os representantes das bancadas nesta CPI. Ela não foi instalada por decisão da Mesa do Congresso, decisão que envolveu entre outros, o Senador Mauro Benevides e o Deputado Ibsen Pinheiro, hoje citados no escândalo do Orçamento.

A necessidade da mobilização do povo é tanto maior quando se considera que o parecer da corregedoria da Câmara sobre a compra e venda de deputados recomenda a cassação de apenas três parlamentares, quando se sabe que o número de envolvidos é muito maior. Isto mostra que o

espírito de corpo funciona e está disposto a sacrificar alguns bodes para proteger o grosso da tropa.

Nada prova que na CPI do orçamento o processo será diferente. Só acredita que Jarbas Passarinho e Roberto Magalhães podem ser consi-

derados como padrão de moralidade pode alimentar ilusões sobre uma devassa completa. Devassa só haverá se o povo se mobilizar, como se mobilizou na época do impeachment.

Athos Pereira



José Carlos Alves dos Santos: o denunciante



Genebaldo: o PMDB atingido

Eles ocupam as páginas dos jornais e os noticiários de TV. São parlamentares que geralmente não se notabilizam por projetos de lei ou medidas favoráveis à população, ao contrário. Estão envolvidos em escândalos de corrupção ou defendendo políticos com atuação no mínimo duvidosa. O esquema desencadeado entre eles é um verdadeiro jogo de clientelismo e fisiologismo.

A projeção nacional nada tem a ver com a sua base eleitoral. Moram em metrópoles, mas se aproveitam da desinformação de locais pouco conhecidos, os chamados grotões, onde é muito mais fácil se eleger. Não se trata de discriminar as cidades pequenas, mas o que acontece na realidade, é que estes municípios só são lembrados por estes políticos nas vésperas eleitorais, e pior, servem como um verdadeiro alibi para o desvio de verbas e criação de entidades fantasmas. Distantes dos grandes centros e vivendo carências sociais aberrantes estas localidades são alvo mais fáceis para a manipulação dos oportunistas.

A distorção no sistema eleitoral funciona como uma alavanca para este quadro. O famoso pacote de abril do ex-presidente, Ernesto Geisel determinou através de uma emenda a quantidade mínima e máxima de deputados eleitos por estado. Apesar das modificações, a estrutura se mantém. Hoje a quantidade de deputados eleitos em qualquer estado está estabelecida em no máximo até 70 parlamentares, o que causa uma verdadeira sub-representação, para a população, como por exemplo, de São Paulo.

O Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar levantou as principais cidades onde foram eleitos os deputados que participaram da Constituição promulgada em outubro de 1988.

O ganhador recorde da loteria, que se autodefine como social democrata, João Alves, um dos principais suspeitos das denúncias da CPI do Orçamento era filiado em 1988 ao PFL. Conseguiu só 11% dos votos em Salvador, o restante foi proveniente de cidades como Itambé, Aracatu, Rio de Contas e Guareju. A soma dos votos destes

municípios atingem quase o dobro dos obtidos em Salvador.

Ainda na Bahia, outro deputado com repercussão nacional e que ganhou destaque pela sua defesa incondicional ao ex-presidente Fernando Collor de Melo é José Lourenço. A sua base eleitoral é Ribeira do Pombal (10,2%) e cidades como Miguel Calmon, Fátima, Cansação e Macurure. O líder do PMDB na Câmara, Genebaldo Correa também suspeito na CPI do Orçamento tem em Salvador 36,8% dos votos e a somatória de 20,8% em cidades menores.

Em Pernambuco, o PFL brilha com algumas estrelas. O presidente da Câmara Inocêncio Oliveira conhecido principalmente pelo seu fisiologismo alcançou o apogeu por alguns dias na famosa indústria da seca. O médico dotado de bens utilizou os serviços do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) para a perfuração de poços em suas propriedades. Serra Talhada seu universo eleitoral vivenciou histórias fantásticas e é um exemplo de como

são feitas manobras eleitoreiras. Em um dos episódios, Inocêncio mandou distribuir feijão em março deste ano, quando soube que a coordenação estava sendo feita pela prefeitura pedetista mandou suspender na mesma hora a remessa. A cidade foi responsável por 16,8% dos seus votos.

Já o deputado Ricardo Fiúza, ex-ministro da Ação Social da era Collor, cujo o nome também está listado na CPI angariou somente 12,8% dos votos em Recife, porém nos municípios de João Alfredo, Custódia, Santa Cruz do Capibaribe e São José do Egito representaram juntos 23,7%.

Outro da lista de personas não gratas na CPI é o deputado José Geraldo Ribeiro de Minas Gerais, seu apelido, Quinzinho. Alguém menos avisado perguntaria se tem algo a ver com Joaquim. Não, simplesmente ficou assim conhecido por embolsar 15% das comissões. Teve seus votos em cidades como Sete Lagoas, Porteirinha, Mantena, Ponte Nova e Brasília de Minas.

Adélia Chagas

FISIOLOGICOS TÊM BASE NOS GROTOES

Lula

UMA OPERAÇÃO MÃOS LIMPAS NO BRASIL

O presidente do PT acredita que o Congresso pode se redimir, se todos os corruptos forem para a cadeia, como na Itália.

Lula, como você vê a situação do país, marcada pela crise política e econômica e por um governo imobilizado?

Eu acho que o momento político é extremamente delicado, não por causa da inflação a 35%, ou por causa da CPI da Corrupção, apenas. É delicado porque o país não tem governo, é delicado na medida em que o governo tem se demonstrado impotente, seja para gerir a economia, seja para gerir a crise política. O país está à deriva. Acho que não podemos buscar uma solução de forma precipitada. Temos que criar condições objetivas desse país entrar numa certa normalidade. Para isso é preciso exigir que o Fernando Henrique Cardoso dê um rumo à economia. Exigir que o Congresso Nacional apure a corrupção e puna os culpados. Eu estou extremamente preocupado porque diante dessa crise toda que atinge o Congresso Nacional e a política econômica, e na qual o presidente Itamar chega a dizer que não se opõe à antecipação das eleições - não se tem uma política concreta da parte do governo para combater a fome, para combater a recessão. Não sei se nós suportaremos viver um ano e meio nesse compasso de espera, não sei se a sociedade terá paciência.

No caso da CPI Collor/PC, tivemos o Poder Executivo versus o Congresso, agora é o próprio Congresso, ou parte dele, que está envolvido nas acusações. Você acredita que a CPI leve a apuração da corrupção da Comissão do Orçamento até as últimas conseqüências? O que é preciso para isso?

Eu acredito que a CPI leve, porque o espírito de corpo prevalece quando a coisa é interna, mas a coisa



agora é pública. Não há como eles, agora, esconderem, não há como evitar que a opinião pública saiba o que está acontecendo. Os depoimentos estão sendo transmitidos diretamente pela televisão. Não há como esconder os fatos. A sociedade vai exigir que o Congresso Nacional tenha um comportamento digno, como teve na questão do Collor. Esse mesmo Congresso que cassou o Collor não terá como se negar a cassar os deputados que estejam envolvidos em corrupção.

"Não suportaremos viver um ano e meio neste compasso de espera."

Você não teme que possam haver

tentativas de se colocar limites às investigações, visando preservar o governo Itamar?

Eu não acredito que depois do que aconteceu com o Collor haja qualquer intenção de preservar o governo. Até porque o governo é composto por seres humanos e, se eles cometeram desvios de comportamento na política, eles têm que pagar por isso. O problema é que o Itamar erra no conteúdo e na forma. Quando o ministro Hargreaves e o ministro Alexandre Costa colocaram os seus cargos à disposição do presidente, ele deveria ter aceito o afastamento de ambos, para que tudo fosse apurado sem qualquer interferência ou suspeita. Itamar não aceitou, e isso obviamente deixou o governo mais vulnerável. Os deputados sob suspeita também deveriam ser afastados. Como você vai fazer uma revisão constitucional com uma quantidade enorme de deputados envolvidos nas denúncias de falcaturia? Eu acho que o governo fica sob suspeita da sociedade, acho que o Congresso Nacional fica sob suspeita da sociedade, se você não tira aqueles que estão envolvidos, ou, pelo menos, pré-envolvidos. Se amanhã a pessoa for tida como inocente, ela volta com atestado de idoneidade, e volta com muito mais força. Acho que nós temos de chegar no Brasil a uma coisa chamada Operação Mãos Limpas,

como aconteceu na Itália, envolvendo os empresários, os políticos, governo, prefeitos e governadores.

Como é possível levar essa discussão para o conjunto da sociedade?

Essa coisa é que nem campeonato de futebol, ninguém enche o estádio num primeiro turno, num primeiro clássico, ou seja as pessoas só vão encher o estádio na hora que a disputa do título estiver em jogo. A CPI começou há pouco tempo. Só agora a sociedade está tomando consciência, e os partidos de esquerda e o movimento sindical começam a mobilizar o povo para exigir um novo comportamento não apenas do Poder Executivo, do Poder Legislativo, mas também do Poder Judiciário, que é uma peça muito importante, e da Procuradoria Geral da República. Acredito que podemos chegar a uma pressão tão grande quanto a que nós chegamos na época do Collor. O problema é que a gente não pode ser apressado. Não pode ficar angustiado. Há um processo e nós temos obrigação de trabalhar com certo carinho, para realizarmos uma Operação Mãos Limpas no Brasil. Porque nós vamos ter de um lado as pessoas que estão envolvidas, tentando fazer pressão para o processo parar, e nós vamos ter pessoas que, estando na Comissão, querem sair dela com uma imagem de credibilidade. Ninguém vai querer sair de uma CPI fracassada, em que os bandidos serão todos perdoados.

Há setores de direita tentando capitalizar esse sentimento anti-Congresso com propostas antidemocráticas "...então é melhor não ter Congresso. É melhor fechar...". Como você vê a fala desses setores?

Primeiro, nós temos que ter consciência de que há muito tempo o Congresso Nacional é uma das instituições de menor credibilidade na opinião pública brasileira, ou seja, que

o povo brasileiro desconfia que no Congresso Nacional tem muita gente desonesta. Isso não é novidade, qualquer pesquisa demonstra isso. Há uma descrença generalizada, até porque pouca coisa tem acontecido que possa levar o povo a acreditar que não seja assim. Você teve o caso do Collor, o Congresso começou a quase se redimir, aí vêm esse envolvimento de deputados que venderam seu voto, de deputados que vem participando na CPI do Orçamento. O problema é que nós precisamos saber diferenciar a instituição Congresso dos parlamentares corruptos. Um Congresso é uma coisa que merece todo respeito, porque é um dos pilares da democracia. Agora, o Congresso é composto por homens, e os homens são políticos, e esses políticos são resultado do estágio de consciência da sociedade nas últimas eleições. O povo tem a chance de mudar esses parlamentares em 1994. E a gente quem sabe pode ter um Congresso com um pouco mais de respeito. Na medida em que o Congresso brasileiro agir com seriedade, ele vai ganhar a responsabilidade, eu não tenho dúvida nenhuma. O povo acredita em alguns políticos individualmente; agora, ele não acredita quando só vê nos jornais coisas de falcaturias, banditismo, ações de enriquecimento ilícito ou coisa parecida. Estou convencido de que esta operação que agora está acontecendo no Congresso é uma operação que pode redimir o Congresso diante dos olhos de toda sociedade brasileira, e todos nós precisamos torcer para isso, até porque é importante que se tenha um Congresso sério, um Congresso competente, um Congresso respeitável.

Mas, de repente, este governo, que já é impotente, pode ficar pior, caso seja atingido em seu núcleo central pelas apurações da CPI. Você não acha que a antecipação das eleições pode ser colocada na ordem do dia de um momento para outro?

Eu acho que é possível, até porque nós já tivemos não apenas o núcleo de um governo, mas quase todo o governo envolvido em corrupção, no caso Collor. O vice assumiu, mas se o vice não tem competência, se não está preparado para exercer essa tarefa, de moralizar este país, eu acho que se poderia

pensar na antecipação eleitoral. É lógico que se você não fizer um processo de apuração você corre o risco de ver essas pessoas que estão sendo denunciadas serem eleitas novamente. Nós não podemos nos esquecer que 18% dos eleitores do Maluf em São Paulo achavam que ele era o maior corrupto do país e vota

"Estou convencido que o Brasil deve realizar uma Operação Mãos Limpas."



ram nele. Então, o que eu não quero é que essas pessoas sejam anistiadas. Até porque muita gente do povo não vê televisão todo dia, não lê jornal, e não acompanha esse processo de Brasília como nós acompanhamos. No caso de PT, acho que a gente tem que ter prudência. Estamos em primeiro lugar nas pesquisas, e em nenhum momento poderemos deixar passar a idéia de que estamos indo com muita sede ao pote.

Além do problema da corrupção, há a paralisia do governo Itamar. A equipe econômica pôs o pé no freio e praticamente deixou de trabalhar. A situação vai se agravando...

Do ponto de vista técnico os quadros que assessoram Fernando Henrique são competentes, o que falta é orientação política. E orientação política correta. É como se você colocasse um time em campo e não dissesse para o time que eles têm que marcar gol para ganhar do adversário. Ou seja, fica todo mundo batendo bola, brincando de João-bobo.

Não tem muito mistério. Eu acho que só falta o ministro Fernando Henrique Cardoso propor um concurso público, através da Globo, distribuindo prêmios para quem achar uma saída para acabar com a inflação. Estou convencido de que ainda tem jeito, que é possível, é só preciso vontade política. Agora, ele está propondo aumento dos impostos. Isso os outros já fizeram. Ele precisa fazer o que os outros não fizeram. Por exemplo, mexer com o sistema financeiro. O sistema financeiro brasileiro tem uma participação no PIB de 13% contra 2,5% nos EUA, contra 4,5% no Japão e 4,7% na Alemanha. Então você tem um conjunto de bancos no Brasil que não sobrevive com uma inflação menor que 15%.

E o FMI?

O que eu estranho é que o dr. Fernando Henrique Cardoso já foi duas ou três vezes conversar com o FMI, em Washington, já foi duas ou três vezes conversar com o Clube de Paris, e ainda não se dignou a fazer uma reunião com os empresários e com os trabalhadores brasileiros. Não é possível. Ou você encontra solução aqui, partindo da nossa realidade para encontrar uma saída, ou não será o FMI que vai dizer como nós vamos resolver a nossa inflação. O FMI quer saber dos problemas dos banqueiros que ele representa.

Você já poderia alinhar algumas idéias que deveriam integrar um plano de governo emergencial que pudesse reverter esse tempo perdido, no ano que vem, que fosse?

O PT já apresentou medidas de emergência. Quando alguém pergunta qual é a novidade do programa do PT, eu digo que o PT propõe que se faça o óbvio. O que é o óbvio? Para controlar a inflação, é preciso restabelecer uma política de preços e salários, o que pode ser feito na Câmara Setorial. É necessário que se faça uma negociação do alongamento do perfil da dívida interna brasileira, e que se transforme a questão da dívida externa numa questão política. Enquanto o governo brasileiro ou qualquer governo do Terceiro Mundo se subordinar às orientações do

FMI, nós não teremos uma saída. É preciso transformar a dívida externa num problema político, para que o problema social aflore na discussão da negociação da dívida. Segundo o

jornal **O Estado de S. Paulo**, nós pagamos 132 bilhões de dólares dessa dívida em nove anos e só entrou 17 bilhões de dinheiro novo. Um país pobre como o nosso não pode se dar ao luxo de mandar dinheiro para fora, quando nós temos 32 milhões de brasileiros vivendo em condições de indigência. A segunda coisa é convencer o sistema financeiro brasileiro, através de atitudes ou de discussões, a desalavancar o setor produtivo e não o setor especulativo, como eles fazem hoje. É preciso voltar a acreditar na agricultura brasileira como impulsionadora da nossa economia, como geradora de empregos. É preciso o Estado investir em obras de saneamento rapidamente, não só para melhorar a qualidade de vida do povo, mas também para gerar emprego a curto prazo. Agora, por que Fernando Henrique Cardoso não faz isso? Possivelmente é porque muitos dos seus assessores, que são grandes técnicos, são diretores de banco. Como é que alguém chama para cuidar do problema financeiro alguém que tem interesse no setor financeiro?

Você tem se reunido com grupos de empresários, inclusive de multinacionais, você tem falado essas coisas para eles? E o que você tem ouvido deles?

Primeiro, nós temos dito tudo o que eu acabei de dizer agora. Nós temos dito inclusive aos empresários brasileiros que, se eles querem justificar o discurso de que este aqui é um país capitalista, o mínimo que eu espero deles é que criem uma sociedade de consumo. E construir uma sociedade de consumo significa criar emprego, pagar salário. É o mínimo que se poderia esperar deles. Um país não pode querer ser capitalista na ótica da classe empresarial, arrojando cada vez mais o salário e diminuindo cada vez mais o número de pessoas que têm acesso ao consumo. Segundo, se eles querem que o mercado regule a economia, eles têm que criar o mercado. São dois pressu-

postos básicos. Aproveitando o discurso deles, não é nem o meu discurso. Eu tenho sentido uma simpatia muito grande por parte dos empresários, pelo menos uma quebra de gelo... Eu tenho dito a eles que prefiro que discorde do Lula por aquilo que eu estou falando do que por aquilo que ouvem de terceiros. Eu quero, por exemplo que eles estejam contra a proposta de reforma

agrária do Lula pela boca do Lula e não pela boca do Caiado. Nós temos tentado mostrar para eles que o Estado brasileiro esteve a vida inteira a serviço do setor privado, e que isso precisa mudar.

É possível que muitos empresários individualmente concordem com suas propostas. Mas, como grupo, eles geralmente são conservadores. Você tem esperança de que eles mudem de comportamento?

É importante termos consciência de que dentro do empresariado prevalece um mesmo espírito corporativo. Eles têm consciência de que agindo coletivamente podem tirar mais do governo ou menos do governo, como

nós. Agora, o que há é que começa a acontecer coisas novas no país. Depois que o PNBE lança Emerson Kapaz, presidente da FIESP, há um rompimento na estrutura sindical patronal tanto quanto foi a primeira oposição que fizemos no movimento sindical brasileiro a partir de 1978. Nós precisamos trabalhar com essa parte sadia.

"Ninguém vai querer sair de uma CPI em que os bandidos foram perdoados."

"O povo tem a chance de mudar esses parlamentares em 94."

Entrevista:
Pedro Ortiz

Fotos:
Ana Magdalena Marin

A ladroagem das subvenções

Mais de 500 entidades foram beneficiadas pelas subvenções assistenciais em 60 dias

A crise moral desencadeada no país com as denúncias de corrupção na Comissão Mista de Orçamento do Congresso e a liberação de verbas públicas por interesses pessoais e de grupos políticos farão com que, após um ano do *impeachment* de Collor, a sociedade repense sua estrutura política representativa, direcionando-se, desta vez, à representação parlamentar.

O quadro que vivemos atualmente é típico do regime democrático, não traduzindo desestabilização do sistema e de suas instituições. Muito pelo contrário, é através dessas denúncias e embates que conseguiremos concretizar nosso processo de democratização. O que se precisa, neste momento, é firmeza e coragem para apurar as falcatruas e punir os culpados, separando, desta forma, o joio do trigo.

Dois são os pontos fundamentais que sustentam a roubalheira, os quais foram afirmados pelo ex-assessor da Comissão Mista do Orçamento, José Carlos Alves dos Santos: o *lobby* das empreiteiras e subvenções sociais. A desconfiança sobre um esquema brutal de corrupção com verbas públicas sempre pairou sobre membros do Congresso nacional, em especial sobre a Comissão de Orçamento. Entretanto, faltava-nos práticas e liames entre interesses e atuações. As denúncias de José Carlos vieram a calhar, formando um quadro e oferecendo-nos personagens e ações.

A máfia das empreiteiras está configurando-se dia-a-dia com as investigações feitas pelos parlamentares de oposição e pela imprensa. Embora ainda faltem provas materiais, os indícios são

fortes, existem listas que, embora sem identificação, ligam parlamentares às empreiteiras e obras que estão sendo executadas. Tais constatações extrapolam as responsabilidades do Legislativo. Todas as liberações orçamentárias são feitas pelo Executivo, completando-se nele, portanto, o ciclo da corrupção. Tem-se intensificado o comentário de que, de sete buracos de desvio de verbas no Orçamento, um era patrocinado pelo Legislativo e os outros seis pelo Executivo, em uma apologia de que a quadrilha da corrupção tinha amparo dentro do governo.

Os agentes públicos executores terão que responder igualmente aos parlamentares envolvidos pelo crime contra o patrimônio público. A CPI tem o poder e o dever de mostrar à Nação aqueles que a assaltam.

Quanto às subvenções sociais, o esquema não era diferente. O conluio de poderes funciona com a mesma competência. Aqui, entretanto, os indícios

apresentam provas do descaso. 1992 foi o ano da fortuna. Ricardo Fiúza, em apenas nove meses de gestão frente ao Ministério do Bem-Estar Social, liberou quarenta milhões de dólares para entidades assistenciais. Quase a metade desses recursos concentrou-se nos meses de agosto e setembro, evidenciando a verdadeira negociata do período pró-*impeachment*. Foram 540 entidades beneficiadas nesses sessenta dias. Não se questiona aqui o papel que organizações para-estatais possam cumprir com a colaboração de recursos públicos à sociedade. Acreditamos que existem muitas entidades sérias e responsáveis; entretanto, o programa das subvenções encontrou-se mais daninho do que benigno, por configurar-se um escoadouro fácil e eficiente de recursos públicos, sem possibilidade de fiscalização rigorosa.

Em um primeiro exame das entidades beneficiadas no

período Fiúza, constatamos que uma delas, situada em Minas Gerais, era de propriedade do deputado José Geraldo (PMDB-MG), o "Quinzinho", um dos sete anões.

Como esta, inúmeras outras nos dão indícios de irregularidades, às quais estamos destinando trabalho investigativo criterioso.

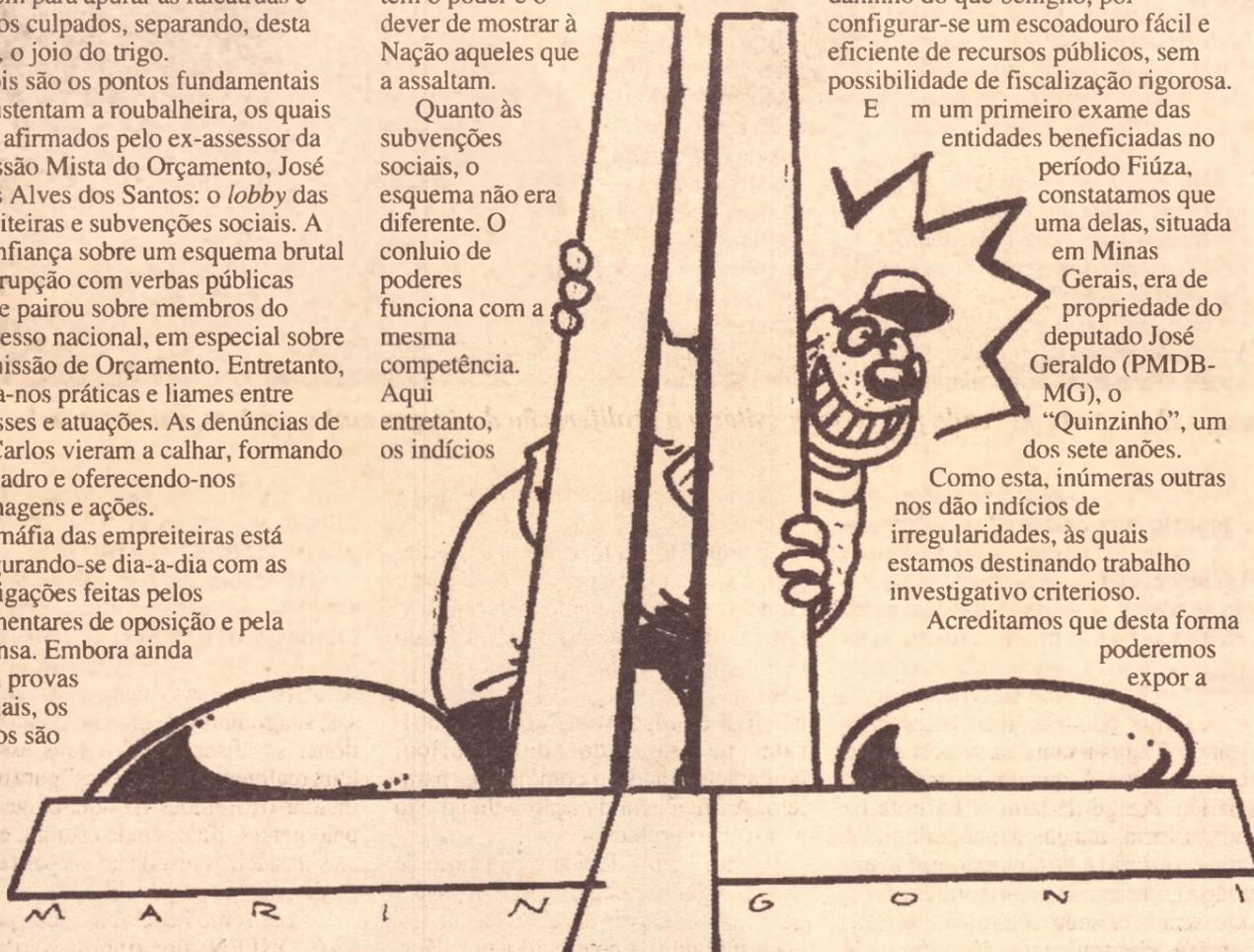
Acreditamos que desta forma poderemos expor a

continuidade da máfia do orçamento e das verbas públicas, mas para tanto faz-se necessário o empenho de toda a sociedade no sentido de garantir uma limpeza profunda e eficiente nas instituições públicas.

O envolvimento do PT e da sociedade nas investigações e na mobilização em apoio à CPI são fundamentais. Estamos recebendo telefonemas de pessoas de todo o Brasil, oferecendo ajuda. Já repassamos informações a vários estados e o retorno tem sido positivo.

Vejo duas alternativas como saída para a crise: ou o Congresso apura, identifica os comandantes dos esquemas e cassa a todos, ou o mar de lama deixará mal a todos. Neste caso, nem as eleições gerais antecipadas conseguirão resolver o problema de sua crise de credibilidade...

Deputado Paulo Bernardo (PT PR)



FESTA, MÚSICA E MUITO CHOPP

FESTIVAL

13 ANOS

PARTIDO DOS TRABALHADORES

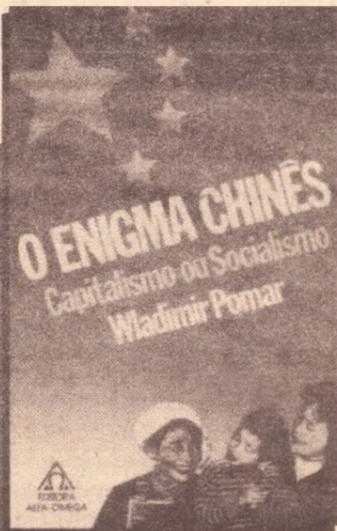
COMEMORANDO O 13º ANIVERSÁRIO DO PT

DIA 13 DE NOVEMBRO, NA QUADRA DOS GAVIÕES DA FIEL RUA CRISTINA TOMAZ, 183

CANECOS A VENDA NO DM E DZs CR\$ 900,00

RASGANDO A CORTINA

Discute a experiência do socialismo construindo nos países do Leste Europeu, numa tentativa de compreender as razões do seu fracasso. (Cr\$ 700,00)



O ENIGMA CHINÊS

O livro mais completo sobre a China até hoje publicado no Brasil, dá as pistas para entender as contradições do País do Meio. (Cr\$ 2.700,00)

A MIRAGEM DO MERCADO

É uma análise do processo de reestruturação do capitalismo naqueles países, suas contradições, seus limites e seus mitos. (Cr\$ 700,00)

VENDA DIRETA DO AUTOR PARA O LEITOR.

PREENCHA O CUPOM E ENVIE-O JUNTAMENTE COM SEU CHEQUE NOMINAL E CRUZADO A FORMA DE WLADIMIR POMAR (RUA DR. SENG, 287, AP91, CEP 01331, SP/SP. VOCÊ RECEBERÁ OS LIVROS EM SUA CASA, POR CORREIO, REMESSA REGISTRADA.

Sr. Wladimir Pomar, peço que me envie ___ exemplares de "Rasgando a Cortina" ___ exemplares de "A miragem do mercado" e ___ exemplares de "O Enigma Chinês".

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

UF _____ Cep: _____

LEGALIDADE PARA AS DROGAS

Só o fim da proibição permitirá combater o poder paralelo e prevenir os abusos

O Brasil completou 171 anos como nação sob risco de desaparecer. Os valores éticos do respeito à vida e ao semelhante estão em crise e impera a lei do "salve-se quem puder". É preciso, como conclamava Oduvaldo Vianna Filho, "olhar no olho da tragédia brasileira". Olhar no olho da chacina abominável de Vigário Geral, na zona norte do Rio, por exemplo, é ir além da justa condenação da violência feroz de traficantes e seus sócios da PM, em geral mais brutais. É preciso ter coragem e independência para tocar na ferida e abrir o debate sobre a questão da produção, comércio e uso de drogas ilícitas no Brasil, país que está entre os dez maiores do mundo em mercado de tóxicos.

Sucesso do extermínio

O ex-Governador Moreira Franco propagandeava no final de sua gestão, com o tom de dever cumprido, o "sucesso" das várias Operações Mosaico que prenderam e fuzilaram os maiores chefes do narcotráfico localizado. Realmente, no seu governo foram presos traficantes poderosos como Escadinha, Dênis e Meio-Quilo, sem contar os que foram executados.

Os chefes que "caçam", entretanto, eram imediatamente substituídos por novos "capos". Três anos foram suficientes para mostrar aos iludidos que as Operações Mosaico eram apenas propaganda de governo. Não se tratava de uma preocupação com o narcotráfico, mas sim com a opinião pública.

A ação policial não tem o objetivo de prevenir o uso de drogas, nem de inibir os usuários de frequentar os guetos marginais existentes nas favelas. Sua prática cotidiana, ressaltadas raras exceções, tem como fim apreender a droga e o dinheiro de quem sai da "boca-de-fumo". Em alguns casos o policial pode vir a usar a própria droga recolhida. Não são raros os casos em que chega a renegociar a posse da droga ou até vendê-la a outros usuários.

O consumo de drogas pelos povos é milenar e crescente. Nem os países mais ricos e desenvolvidos conseguiram diminuir o consumo através da repressão. Podemos usar como exemplo os EUA da década de 20: o consumo abusivo do álcool levou o governo a decretar a Lei Seca, que durante 13 anos (1920 a 1933) tornou ilegal a venda de bebidas alcoólicas. O objetivo pretendido não foi alcançado. Contudo, formaram-se máfias para a distribuição ilegal de bebida.

Onde houver demanda, haverá mercado. Esta é uma regra elementar do capitalismo, da qual o Brasil não se exclui. Aliás, o nosso país supera as regras clássicas do mercado, pois na maioria das vezes o comércio informal dá muito mais lucro, com seus esquemas paralelos e, ao invés de impostos, suas propinas para os fiscais.

Proibição e estímulo

Contradições: combate-se, no discurso, o uso de drogas ilegais e se reproduzem campanhas publicitárias induzindo ao consumo de drogas permitidas. Alcool, cigarros, xaropes, anfetaminas,



FOHA IMAGEM

O controle da venda pelo estado evitaria a proliferação de drogas muito nocivas, como o crack

açúcar e vários outros "enlatados" são altamente propagandeados e difundidos, apesar de muitos deles causarem dependência física e psíquica, inclusive graves danos à saúde. Mas se alguém circula nas ruas com uma folha de maconha estampada na camisa, deve ser preso por "indução ao consumo de drogas".

A Lei nº 6368/76 (Lei do Entorpecentes) é injusta tanto na referência ao usuário (art.16) quanto ao traficante (art.12). Ao pé-da-letra, a lei trata da mesma forma um garoto que cede ou até vende um cigarro de maconha a um amigo e um homem que carrega 50 kg de cocaína no seu carro: os dois são considerados traficantes. Essa ilimitada classificação possibilita a criação de uma falsa estatística, onde só entram pequenos passadores e usuários. E quem sai ganhando com isso é exatamente o narcotráfico, um grande negócio que movimenta milhões de dólares. Com o consumo e venda proibidos, o produto aumenta de preço inúmeras vezes até chegar às mãos do consumidor, que é quem mais sofre com a violência da polícia e também dos próprios fornecedores. Porém, não podemos deixar de resgatar a condição de refém vivida pelos moradores dos locais dominados pelo narcotráfico.

Pela alta movimentação de recursos o narcotráfico estende-se para outros ramos, aumentando seu poderio político, econômico e militar. Ele amplia seus domínios no jogo-do-bicho, nas polícias, nas organizações que vivem dos crimes contra o patrimônio e contra a vida. E já vai ocupando espaços no Poder Público e em associações comunitárias, constituindo uma espécie de poder paralelo. Esse poder cria comandos vermelhos, azuis, influencia instituições e vai se tornando um império que, num futuro próximo, poderá compa-

rar-se à Máfia Italiana e aos Cartéis Colombianos.

É imperativo que se dê nova abordagem à questão das drogas. Não basta, como quer o pensamento mais progressista, defender a descriminalização do uso, ou seja, excluir de pena judiciária o consumidor de drogas. Temos o dever de ousar e propor soluções que interfiram na raiz do narcotráfico, descaracterizando-o como poder paralelo. A eficiência da ação policial não resolverá o problema.

Convencidos de que o consumo de drogas legais ou ilegais não tem prazos para findar-se, pois depende da consciência individual e coletiva dos cidadãos, a solução será quebrar a coluna dorsal do crime organizado, tirando de suas mãos o lucro com o comércio ilegal das drogas e outras atividades a ele associadas. Isto feito, estaria ferido de morte o chamado poder paralelo, e com ele as guerras entre quadrilhas e polícia, as chacinas, a barbárie dos que só respeitam a lei das armas de fogo, diminuindo significativamente a violência urbana.

Legalidade já

Para concretizar este desejo coletivo temos nas mãos uma única saída: legalizar o uso e a venda das drogas hoje consideradas ilegais e também o jogo-do-bicho. Criando um sistema que englobe a produção, a venda e o controle do uso pelo Estado, estaremos arrecadando os milhões de dólares movimentados pelo narcotráfico e lavados em atividades ilícitas. Poderemos, desta forma, direcioná-los em campanhas eficientes de educação e prevenção ao abuso de drogas e em projetos de cunho social nas áreas atualmente dominadas pelo narcotráfico, onde o Poder Público se faz ausente.

A legalização das drogas, como solução alternativa à política em vigor, precisa ser debatida desde já.

Evidentemente a questão não é tão simples, mas mais evidente ainda é o fato de que o Poder Público vem há anos jogando fora uma enormidade de recursos em performances escandalosas, sangrentas e... inúteis. Basta questionar se "Escadinha" e seus asseclas têm, realmente, "condições" para movimentar os milhões de dólares gerados pelo narcotráfico. Onde estarão, então, os verdadeiros responsáveis pela entrada de cocaína no Brasil?

O Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), órgão normativo ligado ao Ministério da Justiça, vem há alguns meses formulando um novo projeto de lei para que se revogue a Lei 6368/76.

A sociedade, através de suas organizações, deve, doravante, interferir no debate junto ao CONFEN e aos conselhos estaduais, pois o Projeto Final será enviado em breve ao Congresso Nacional. O grupo dos conservadores já tem argumentos de sobra para defender, inclusive, na revisão constitucional, retrocessos à débil política atual.

A proposta de legalização da produção e do comércio das drogas pode, a princípio, ser mal interpretada, e certamente o será pelos que defendem soluções de força bruta e pelos que se guiam pela hipocrisia e pelo falso moralismo. Mas há inocentes sendo mortos nessa guerra suja! Suas vidas valem propostas polêmicas e saídas ousadas. Suas vidas e a continuidade do próprio Brasil como nação exigem a ruptura com a cínica descrença e com a acomodada impotência de tantos.

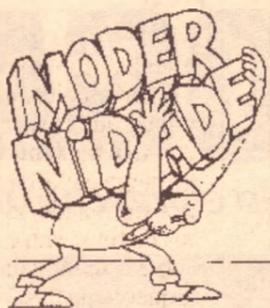
Rogério Rocco

ex-Conselheiro do CONEN-RJ (Conselho Estadual de Entorpecentes)

Chico Alencar

Vereador - PT/RJ

O DONO DA BOLA



Recém recuperado de uma operação cardíaca e festejando 44% de votos a favor do governo, Menem sonha permanecer no poder até o ano 2000.



FOUHA IMAGEM

Fracasso eleitoral de Cavallo ajuda Menem

Manhã de domingo, 17 de outubro. Carlos Menem recebe em uma clínica cardiovascular a visita de seu colega Itamar Franco, preocupado com sua saúde, após uma delicada operação arterial - com riscos de embolia cerebral iminente - ocorrida três dias antes. Mas o encontro presidencial não foi a primeira atividade do convalescente. Em suas 48 horas pós-operação, Menem fez um pronunciamento televisivo aos argentinos, confraternizou-se com seu arquiinimigo Raúl Alfonsín, dirigiu reuniões de gabinete e recebeu legiões de visitantes.

Esta agenda agitada tem sua explicação: capitalizar cada minuto político após o resultado das eleições legislativas de 3 de outubro para confirmar sua hegemonia renovada nas urnas. Com a oposição da União Cívica Radical (do ex-presidente Alfonsín) atordoada pelo novo tropeço eleitoral e com o superministro Domingo Cavallo derrotado em seu batismo político em Córdoba, e em consequência, prejudicado como "herdeiro" presidencial, nada parece colocar-se entre Menem e seu mais ansiado objeto do desejo: a reeleição, para poder ocupar a presidência da Argentina até o ano 2000.

"Eu, o supremo".

Coberto de certo verniz místico ("siganme hermanos", "que dios los bendiga", palavras de ordem usadas em sua campanha eleitoral), Carlos Menem chegou ao governo em 89, cinco meses antes da eleição de Collor. Entre ambos se traçaram paralelos a partir da inescrupulosidade e frivolidade de seus estilos de governo, até que seus caminhos se bifurcaram. O de Collor é conhecido de todos. O do argentino esteve semeado de atos de corrupção que vão desde a vinculação de sua secretária particular com a lavagem de narcodólares: até a confessa subtração de sentenças da Corte Suprema, desmascarada três dias antes das eleições como se fosse uma mera operação de rotina do governo menemista.

Nada disso comprometeu a adesão dos grupos econômicos mais poderosos do país, que associados aos bancos credores da dívida externa obtiveram do governo um argumento mais que convincente: a entrega, a um preço ridículo, das empresas estatais, privatizadas a toque de caixa. Tal é a convicção dos donos da economia na lealdade governista ao modelo neoliberal que essa forma de voto qualificado que é a bolsa de valores não sofreu nenhuma oscilação na convulsão semana pré-eleitoral.

Se houve alguma incerteza no mercado de valores, foi durante as horas em que Menem esteve na sala de cirurgia, no dia 14 de outubro. Na intimidade presidencial, talvez essa notícia tenha sido a melhor que o paciente pôde escutar quando voltou da anestesia geral, pois sentiu inabalada sua ambição de transformar-se em grande condutor do "êxito" argentino.

Voto econômico.

"O povo votou a favor da estabilidade", é a interpretação consensual

que reproduz o discurso circulante nos grandes meios de comunicação argentinos. E tão certo como o redondo 0% de inflação que Cavallo ofereceu a Menem em agosto, é o fantasma da explosão hiperinflacionária que há quatro anos acabou com Alfonsín e ainda atua como disciplinador sobre a sociedade civil castigada por aquele "golpe de Estado econômico", consentido pela liderança empresarial. Mas não apenas a estabilidade, também medo e desencanto com esse modelo há nos votos de outubro.

Lidos em perspectiva, os 6,7 milhões de votos que o Partido Justicialista - PJ (governista) recebeu nas urnas insinuam uma aliança social-eleitoral inédita desde a década da fraude oligárquico-populista nos anos 40. Nos resultados de 3 de outubro coincidem os interesses predatórios das minorias detentoras do poder econômico e a despolitização das maiorias cada vez mais excluídas do circuito produtivo.

Esquerda tímida

A esquerda eleitoral teve seu primeiro desempenho positivo desde

1985, quando chegou a ser a terceira força política nacional. Alcançou 12,6% dos votos na capital através da "Frente Grande", um agrupamento que reúne peronistas anti-menemistas, social-democratas, intransigentes, comunistas e social-cristãos. Sua figura central é Carlos Chacho Alvarez, um deputado reeleito que liderou há alguns anos o "Grupo dos 8" parlamentares que romperam com o bloco governista do PJ. Outro deputado federal eleito pela Frente é o cineasta Fernando "Pino" Solanas (*El Viaje, Tangos, Sur*). Em Rosário, segunda cidade argentina e administrada pelo socialista Héctor Cavallero, venceu como deputado Enrique Llopis, atual Secretário de Cultura daquele município e que no

Congresso Nacional integrará o bloco de deputados socialistas "Honestidade, Trabalho e Eficiência". Somadas as bancadas da Frente Grande (3 deputados) e HTE (5 deputados), a esquerda terá apenas 8 dos 257 membros da Câmara de Deputados. Será um começo?

Apesar desse crescimento eleitoral, ainda que tímido, a Frente Grande não representa uma identidade política nacional nem seus mecanismos estão a salvo de divergências internas e

sectarismos, muito comuns na esquerda argentina e que nunca possibilitaram a formação de um grande partido no espírito e na vontade de seus dirigentes há o desejo de converter numa opção de poder, como a outra Frente rioplatense, a Frente Ampla do Uruguai, que disputará as próximas eleições presidenciais tendo como candidato forte o atual prefeito de Montevideu, Tabaré Vazquez. Mas falta muito por construir.

Darío Pignotti/Agência ACOPI de Buenos Aires

Cingapura

O TIGRE DOMADO

Vida certinha e regulada torna o país uma chatice

Quem não queria morar num país onde a renda per capita está em quase 10 mil dólares, a população tem atendimento básico de saúde e educação gratuitos e quase 80% dispõem de casa própria? Além disso, o país é pequeno, limpinho, todo novinho em folha e sem assaltos. Cingapura é assim. E é tropical, com um clima quentinho igual ao nosso. Mas eu é que não queria morar lá... Não que eu seja uma pessoa que goste de lugares sujos. Ou de mascar chiclete. Nem sou fumante inveterada a ponto de não poder ficar sem fumar nos lugares públicos. Não, não é isso. É que tudo parece ser bom demais para ser verdade.

Cingapura é um dos quatro "tigres asiáticos" (os outros são Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul). Mas, apesar do crescimento espetacular da economia e da riqueza que se vê em toda a parte do pequeno país de dois milhões e oitocentos mil habitantes e 616 km², ele é um tigre "domado". Os cingapurianos podem comprar o que dinheiro dá, menos chicletes, por exemplo. Mascar chicletes, como jogar lixo na rua, não dar descarga nos banheiros públicos, fumar em quase todos os lugares, exceto em casa ou dentro do seu próprio automóvel, são algumas das coisas absolutamente proibidas em Cingapura. Tudo isso e mais

algumas coisas provocam multas altas para os infratores. E o PAP (Partido de Ação Popular), fundado por Lee Kuan Yew, está por toda parte tomando conta da limpeza e do funcionamento do país. E tenta libertar Cingapura dos três principais "males", que são: a droga, a pornografia e o comunismo. No caso da droga, existe pena de morte para os traficantes e mesmo para os usuários. No caso da pornografia, a censura é rígida e dá cadeia para quem abusar dela. E para que a tentação não entre em casa, é proibido possuir antenas para captar programas via satélite. Mesmo revistas como *Times* e *The Wall Street Journal* passam pelo crivo da censura, antes de irem para as bancas. E quanto ao comunismo, há muito que não passa por lá... Tudo em nome de uma certa "qualidade de vida".

Mexa-se. A última palavra de ordem do PAP é a campanha para "cortar as gorduras". Literalmente. Ou seja, descobriu-se que as pessoas estão trabalhando demais e gastando dinheiro demais com comida. Agora precisam malhar. No dia 3 de outubro passado, o atual presidente lançou pessoalmente a campanha do "mexa-se", liderando um grupo de mais de 15 mil pessoas, incluindo ministros, membros do Congresso, artistas de televisão e esportistas fazendo ginástica aeróbica na rua

principal. Mas, em outros pontos da cidade, os cingapurianos reunidos suaram e continuaram a suar até o fim de outubro. Tudo isso faz parte da "década de vida saudável", meta do governo para aumentar a saúde da população e diminuir os gastos com ela, que cresceram 12% nos últimos anos.

Outra "mania" de Cingapura é se tornar o primeiro país "inteligente" do mundo, ou seja informatizado. E vem se preparando desde 1986 para tirar vantagens da tecnologia. Em casa e nas ruas, as pessoas poderão usar seus computadores e telefones celulares para comprar, estudar, se localizar por meio de mapas, reunir-se com amigos ou para fazer negócios. No melhor dos mundos que está sendo planejado, o cidadão não precisará de dinheiro. Ao invés disso, usará cartões "inteligentes" que também servirão de identificação e trarão a história média do portador. Para tanto, a infra-estrutura já está sendo desenvolvida, com bancos de dados e toda uma ligação por cabos e fibras óticas.

Cingapura significa "cidade dos leões" em língua malaia. O leão é o símbolo desse país. Um leão que virou tigre. Quem sabe um dia o tigre vire leão de novo. Até lá, Cingapura ainda vai dar muito o que falar.

Mary Lou Rebelo de Tóquio

Prosa doida para Fellini



para que ele não se encarapace em pesadelo. Somos, todos e todas, Ulisses e Penélopes ao mesmo tempo, lavradores e viajantes, cidadãos e gaudérios.

Foi este sentimento de errância fixa que Fellini soube captar quando, na abertura do mágico *8 1/2*, Mastroianni deixa o carro engarrafado, e sai a voar pelo espaço da tela, como astronauta dos espaços interiores, é o "fazer-se real" do sonho que Fellini põe em cena.

O sonho gesta a memória, recuperação e perda. Fellini teceu teias belíssimas em torno deste motivo: os meninos de

longas capas a correr pelos areais, logo perseguidos pelos padres de batina; a dupla de *Ginger e Fred*, atuando velhos o que sempre sonharam ser; os desmemoriados de *La Nave Va*, buscando no esquecimento uma redenção inalcançável.

A cena mais linda de Fellini está em *Roma*, e é a da descoberta dos afrescos na cripta secreta encontrada pelos escavadores do metrô. Os técnicos em recuperação, chamados às

pressas, têm diante de si um espetáculo único: contemplados pela primeira vez em séculos, mas tocados pelo ar úmido que devassa aquela clausura, os afrescos deixam-se ver a eles pela primeira e última vez. Desaparecem, transformando-se em borrões indistintos de tinta, cal, e tempo. Reflexão sobre o sentido da arte, que vê como arqueologia das formas humanas escondidas atrás das parafernálias da civilização, esta cena magistral de Fellini mostra que o trabalho do artista é lembrar e fazer esquecer. Só aquilo que esquecemos se incorpora à nossa cultura.

Os filmes de Fellini são assim crônicas da liberdade esquecida. Premidos pela vida, os homens se esquecem de ser livres. Para eles, ela não é um valor. Perdem a dimensão do sonho, que é o terreno da liberdade por excelência - ali onde somos o que não somos. E seus filmes, sempre tratando destes errantes deste nosso velho século, como em seu primeiro sucesso, *La Strada*, destes sôfregos consumidores de paraísos perdidos, como em *La Dolce Vita* (quanto sonhei em ter *La Ekberg* nos braços...), tratam sempre desta irrupção catastrófica do sonho e da memória, do sonho, da liberdade.

Valeu, Federico. Tua alma de homem sem deus nos tem e contém em suas orações. *Grazzie*

Flavio Aguiar

No momento destas mal traçadas, um gênio agoniza. Somos todos seus filhos. Quem não desejou amar as prostitutas de Fellini? Quem não sonhou afogar-se naqueles seios enormes, naquelas carnes que pergolavam místicos mistérios em meio aos proibidos prazeres? E não só os homens. As mulheres também sonhavam - às vezes com os trapos escuros que, no preto e branco dos filmes, mal e mal continham aqueles

pedaços de corpo que pareciam viver de si, por si e para si.

Somos - nós, os de 68 - uma geração de transição e liberdade. Não tivemos nossos pais - os sobreviventes da Iª Guerra - como modelo profundo. Não nos reconhecemos nesta liberdade espontânea dos nossos filhos. Para nós a liberdade é uma conquista: no amor, no trabalho, na política. Somos os conquistadores do sonho - e o tecemos cotidianamente,

No ar, mais um requintado banquete em celulóide. Se alguém tiver dúvidas, é só comparecer a uma das várias salas de exibição que a partir desta sexta-feira (22/10) abrigam a décima-sétima versão da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Se a garotada anda se esbaldando com Jacksons e Madonnas, outubro é reservado para a vingança dos cinéfilos: durante mais de 15 dias serão exibidos nada menos que 200 filmes, divididos entre 140 longas e cerca de 60 curtas e médias. Apenas um longa ("*Oceano Atlântico*") e dez curtas são brasileiros. O restante mostra o convívio do insólito com o consagrado, do alternativo com o definitivo, permeados, é claro, por alguns inevitáveis tropeços. um caleidoscópio do que há de melhor em cinema nos quatro cantos do globo. Em uma palavra: imperdível.

Já em sua segunda década de existência, a Mostra faz parêntese com os grandes festivais do mundo no sentido qualitativo, mesmo não contando com a badalação de Cannes, Berlim ou New York. Seus organizadores, Leon Cakoff, e sua esposa Renata de Almeida, trabalham todo o ano para, segundo Cakoff, "entregar à cidade um evento assinado por ela mesma. É aí que reside nossa satisfação", afirma. Justamente por isso é que ele critica abertamente o que chama de "festival de estréias promovido por quitandeiros". A agulhada tem endereço certo:

MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA TRAZ O MELHOR DA PRODUÇÃO MUNDIAL A SÃO PAULO

Em pouco mais de 15 dias, 200 filmes passarão pelas telas da cidade

a Mostra Banco Nacional de Cinema, "importada" do Rio há duas décadas atrás para inaugurar o espaço homônimo, situado na tradicional rua Augusta, em São Paulo. "Estamos convivendo com o poder econômico de um banco tentando esmagar-nos, nós que com sacrifícios e orçamentos baixíssimos tentamos dar um evento digno à cidade". Segundo Cakoff, o que mais o irritou foi ter sido taxado de "concorrente", quando na verdade tentou por diversas vezes apresentar propostas para uma possível união dos dois eventos e sequer foi recebido.

Polêmicas à parte, restam os fatos. Enquanto todos os filmes da Mostra Banco Nacional tem estréia programa-

da, na Mostra Internacional trava-se contato com cinematografias que deixam seu país de origem pela primeira vez. É o caso do fascinante *Panorama do Novo Cinema Chinês*, uma seleção dos diretores da chamada 5ª geração da Escola de Cinema de Pequim, fechada por décadas e reaberta recentemente. Encabeçado por Zhang Yimou e Chen Kaige, o cinema chinês é a nova sensação mundial, arrebatando inúmeros prêmios e revelando atores como a musa Gon Li, conhecida no Brasil através dos filmes de Yimou. Ela está presente também na obra-prima "Adeus minha concubina", de Kaige, não por acaso escolhido para a aber-

tura oficial do evento.

Um dos prazeres oferecidos pela Mostra é o da descoberta. Jóias raras podem estar escondidas em cinematografias como a do Irã, pouquíssimo conhecida, mas que já tem inúmeros fãs por aqui. Esse ano vieram quatro filmes, que fazem um vigoroso painel do país através de um neo-realismo que já está sendo comparado ao italiano. Mas há muito mais. A Mostra Escandinava, por exemplo, reúne catorze filmes novos da Dinamarca, Suécia, Noruega e até Islândia.

Entre as muitas homenagens, destacam-se a prestada ao diretor armênio Don Askarian, dono de refinada técnica e desbunde visual cujos filmes (cinco, ao todo) serão também exibidos. O mestre dos independentes americanos, Jonas Mekas (um dos vários convidados presentes à Mostra), também tem retrospectiva completa. E há, claro, os indispensáveis: o grego Costa-Gravas, o português Manuel de Oliveira, o polonês Kieslowski, o insuperável Godard, e muitos outros. Tudo indica que esta será uma Mostra repleta de revelações, como algumas das anteriores. É exatamente aí que se encontra sua importância.

A gente não quer só cinema, a gente quer cinema e informação.

Pensando na democratização do conhecimento, três salas exibirão filmes gratuitamente. A lamentar apenas o fato da Mostra ficar restrita apenas a São Paulo.

Carlos Eduardo Oliveira



VINÍCIUS OITENTÃO:

A poesia em pessoa

João Antonio, do Rio de Janeiro



Vinícius, se vivo, estaria completando oitenta anos. Seria com certeza, o oitenta mais jovem e popular do país. E um espírito brasileiro por inteiro, sensível, poético, musical.

O poeta foi vário e diverso. De catimbeiro, safo e picardo a lírico, fino e universal. Da verbosidade esparramada à economia fidalga, subida, elegante, consumada de um dos altos sonetistas que o idioma português teve. E, em ambas versões, a personalidade mantida. Carioca na alma, universal no sentido, mestre no fazimento.

Desconfia-se mais fácil o encontro de uma pérola no mar do que um poeta sobre a terra. Que a poesia é feita de palavras e não. Há um tecimento, sabemos, que vem dos gregos, entra por Roma, se espalha pelos medievais, bate na Renascença e vem. Vem vindo... sendo mais de se desconfiar que o nervo exposto e a exuberância com que Vinícius imantou o seu *O Dia da Criação* tenha eclodido dos sábados luminosos e das ruas, dos botequins, do corpo ondulado das mulheres e magnífica lua cheia de Copacabana. E do olhar faminto da poesia. Ah, rapaz - como foi rapaz e, sendo, foi maduro-transgressor-canoniano e, por isso: rapaz; mesmo no sentido do amor, rapaz - boêmio, mulherego, morador da Rua Domingos Ferreira, nosso vizinho Vinícius, num tempo em que por dentro de Copa, se podia passear, namorar, mariolar, um tempo sem enormes correrias e sem atropelamentos e estardalhaço, pedintes, mafueiros, camelôs ou sim-



ples empregados sem alegria dos contrabandistas poderosos, multiplicação de violência, miserê brutal e que dói... o poeta andejou o bairro na mocidade e navegou por bares hoje fíndos, inesquecíveis.

Mas o buraco, fundo, é mais embaixo. O artista, espontâneo e não ingênuo. Porque os bares repletos estavam cheios de homens vazios. Era moço, viril, naturalmente, mas atento nessa coisa da condição humana. Doendo. Esta condição iniludível:

“O homem não era necessário. Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres como as plantas, imóvelmente e nunca saciada.

Tu que carregas dentro de ti o vértice supremo da paixão”.

Quando o topei, em pessoa, já corriam lendas em seu nome. E, de natural, nos bares e botequins por onde andava, no centro e na zona sul, formava em um trio, um tento de sensibilidades - Vinícius-Paulo Soledade-Ciro Monteiro, o *Formigão*, que tinha outros apelidos, como *Sapo Preto*, *Sangue de Boi*, *Caó*, *Marquês*, *Brucutu*... e que gostava de dar apelido aos outros. Provavelmente tenha sido *Ciro* o primeiro a chamar Vinícius de *Poetinha*. Bote-se ternura nesse diminutivo. Ternura e respeito.

Não estava o poeta ainda na casa dos quarenta e já fizera, em duas ou três estocadas simples e rasantes, cortando rente, a virada de sua vida. Independência nos atos. Um dos grandes sonetistas da língua portuguesa era um raro; desertara de ser poeta oficial. Caíra na vida, na gandaia e no samba, disseram. Para outros, apenas deixara de ser um poeta *respeitável* ou *correto*. E a hipocrisia se deu mal com ele.

Fez “Orfeu do Carnaval” e as revistas coloridas o expuseram sambando com as cabrochas nos ensaios da *Estação Primeira de Mangueira*. No país real dos sambas, dos morros, das ruas, do coração, ele alçara, logo após “Orfeu”, a uma altitude rara. Já era amado.

As meninas carregavam os seus sonetos como roupa íntima, lá no escondido de seus guardados, na parte interna dos seus fichários escolares e o desejavam, claro, dentro de suas saínhas pregueadas e azuis que mostravam joelhos e dentro de suas blusinhas brancas:

“De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o

que se fez amante

E de sozinho o que se fez contente”
E elas, adolescências florindo, nem precisavam se perguntar se o “Soneto de Separação” era mais ou menos alta poesia que o admirável, intemporal “Soneto da Fidelidade”. Pra não falar do “Soneto do Amor Maior”.

E os rapazes diziam em voz alta, os brios e o galope de um poema, “O Operário em Construção”, ilustrado por Emiliano Di Cavalcanti, que haviam lido no “Paratodos”, o semanário editado por Jorge Amado. Vinícius foi um dos últimos poetas a serem declamados em lugares públicos pela juventude.

Amado era Vinícius e amante. Bem mais que uma decorrência da fama, ele carregava o carisma de uma camaradagem fidalga. Que nos deixava à vontade. Abridor de caminhos para os mais novos, quanto empurrão deu a nomes hoje de tamanho nacional e não me deixam mentir, se gratos, Tom Jobim, João Gilberto, Chico Buarque, Toquinho... Conhecia o segredo, humilde e orgulhoso, do respeito ao talento. Viril e mulherego, sim, mas o poeta sabia na alma e no corpo que os prazeres da cama só dão prazer de fato quando se ama.

Generosidade às pencas, tão brasileiro. Ele tinha e passava um amor por Pixinguinha e por Garrincha, anjos, um sentimento grande e multiplicador. Simples. Era o mesmo sentir com que o homem do povo assobiava o “Carinhoso”, distraidamente, e se punha numa

alegria sem conta ao ver um drible bailarino de Garrincha que, de tão sofisticado, chegava a engraçado. Não chapliniano, mas garrinchado. Assim, Vinícius era como a gente. Só que sentia um carinho preocupado pelos valores do país, pois, sabia das coisas. De mais a mais, era poeta e, por isso, o amor dele era mensageiro.

Vivia dizendo: o Brasil não conhece o Brasil.

É possível, fácil, fácil, uma antologia de episódios. Carioca na medula, já que saindo do Vogue, tendo Antônio Maria a seu lado, madrugada alta, quase rabo da manhã, olhou pálido de espanto alguns moços exercitando ginásticas na praia. E decretou, quase suplicante:

- Maria, jura comigo que jamais faremos na vida qualquer esforço supérfluo.

Também se lhe atribui a frase macunaímica: “não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer depois de amanhã”.

Conversa fiada. Não era assim que agia o poeta.

Agora, num país que se desse ao respeito, Vinícius seria indicado para um prêmio internacional da paz. Ele foi, a partir de “Orfeu”, o construtor e a própria ponte entre as duas culturas - a negra e a mestiça dos morros e das favelas e a tida como branca, do asfalto, com suas luzes livrescas e o seu verniz de grande arte. Brilhou nas duas pontas. E até deu de si o melhor para uní-las e irmaná-las.

Chamou-se Pixinguinha de santo. Eu não tenho dúvidas quanto a Vinícius.

